



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS DE GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**CAMILA DOS SANTOS TRAJANO**

**REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**GUARABIRA, PB  
ABRIL/2017**

**CAMILA DOS SANTOS TRAJANO**

**REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Monografia) apresentada a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial a obtenção do grau de Licenciada em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

**GUARABIRA, PB  
ABRIL/2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T231r Trajano, Camila dos Santos  
Representações de pessoas negras no livro didático de história  
do ensino fundamental II [manuscrito] / Camila dos Santos  
Trajano. - 2017.  
66 p. : il.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de  
História".

1. Livros Didáticos. 2. Pessoas Negras. 3. Estereótipos. I.  
Título.

21. ed. CDD 305.8

CAMILA DOS SANTOS TRAJANO

**REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Monografia) apresentada a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial a obtenção do grau de Licenciada em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História, Ensino e Currículo

Aprovada em 12 /04/2017.

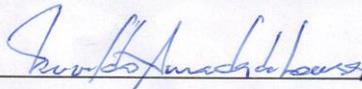
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba/DH



Prof. Dr.ª Simone da Silva Costa (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba/DH



Prof. Ms. Rivaldo Amador de Sousa (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba/DH

Aos meus pais que sempre me ensinaram a ir à busca dos meus ideais. Aos que se engajaram na luta pelo fim do regime escravista. Aos afro-brasileiros para que possam ter orgulho da sua raça. **Dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois até aqui tem me ajudado;

Aos meus pais por tudo que fizeram e ainda fazem por mim;

Aos meus irmãos, por todo incentivo;

Ao meu querido professor e orientador Dr. Waldeci Ferreira Chagas, por todo carinho, dedicação e paciência nessa orientação. Agradeço ainda pelas aulas que ministrou no componente curricular História da África, onde tive certeza da linha de pesquisa para este trabalho;

A todos os/as professores/as que compartilharam seus conhecimentos ao longo do curso;

Aos amigos que conquistei durante a graduação, que se fizeram presentes no decorrer desta caminhada.

A todos, meu obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo discutir e analisar imagens das pessoas negras no livro didático de História do ensino fundamental II. Nessa perspectiva buscamos compreender as imagens no sentido de perceber se elas rompem ou não com os estereótipos consagrados a essas pessoas. Para a análise utilizamos a coleção de livro didático intitulado: História e Vida Integrada, dos autores Nelson Piletti, Claudino Piletti e Thiago Tremonte; publicada em 2008. Fundamentamos a discussão e análise nos estudos de alguns pesquisadores/as da temática, tais como: (Silva, 1995), (Leite, 2010), (Teixeira, 2009), (Freitas, 2011), visto suas discussões se assemelharem ou se distanciarem do que fazemos nesse trabalho. A análise das imagens nos possibilitou perceber que nem sempre o livro didático objeto da nossa pesquisa rompe com os estereótipos atribuídos as pessoas negras, o que possibilita afirmar que nem mesmo com a aprovação da Lei 10.639/2003 o livro didático mudou a forma de representa-las.

**Palavras-chave:** livros didáticos, pessoas negras, estereótipos, imagens.

## ABSTRACT

The current paper aims to discuss and analyze the images of black people in the textbook of History of Elementary Education. In this perspective we seek to analyze the images, with the aim of perceiving if they break or do not break with the stereotypes attributed to these people. For the analysis we used the collection of didactic book titled: *História e Vida Integrada*, of the authors Nelson Piletti, Claudino Piletti and Thiago Tremonte; Published in 2008. The analysis and the discussion are based on the studies of some researchers of the subject, such as: (Silva, 1995), (Leite, 2010), (Teixeira, 2009), (Freitas, 2011), since their discussions resemble or distance themselves from what we seek to do in this work. The analysis of the images allowed us to perceive that not always the textbook object of our research breaks with the stereotypes attributed to black people, which makes it possible to affirm that not even with the approval of Law 10.639/2003 did the textbook change the way of representing the black people.

**Keywords:** textbooks, black people, stereotypes, images.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem Christiano Junior - .....	38
Imagem Desiree Martin - .....	39
Imagem Ferdinand Reus - .....	40
Imagem Ed Alcock - .....	41
Imagem Bernard Foubert - .....	42
Imagem Museus Castro Maya - .....	43
Imagem Johann Moritz Rugendas - .....	44
Imagem O Brasil de Rugendas - .....	45
Imagem Museus Castro Maya - .....	45
Imagem Johann Moritz Rugendas - .....	46
Imagem O Brasil de Rugendas - .....	47
Imagem Mercado de Escravos - .....	48
Imagem Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil - .....	49
Imagem Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil - .....	50
Imagem Jogo de Capoeira - .....	51
Imagem Zumbi dos Palmares - .....	52
Imagem Coleção Particular - .....	53
Imagem O Jantar - .....	53
Imagem Museu Imperial - .....	54
Imagem Biblioteca do Congresso - .....	55
Imagem Bettmann/Corbis - .....	56
Imagem Karel Prinsloo/Ap - .....	57

Imagem Fundação Biblioteca Nacional - .....	58
Imagem Pixinguinha - .....	59
Imagem Bettmann/Corbis - .....	60
Imagem Nelson Mandela - .....	61
Imagem Rio, 40 Graus - .....	62
Imagem Barack Obama - .....	63
Imagem Karel Prinsloo/Ap - .....	64
Imagem Movimento Negro - .....	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA: UMA PRÁTICA DE CONVIVÊNCIA COM A DIVERSIDADE CULTURAL .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II CATEGORIZAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS .....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito analisar a representação de indivíduos negros/as nos livros didáticos de História. Fazendo referência a Lei 10.639/2003 e sua operacionalização nas escolas, o que perpassa pela educação étnico-racial. Durante a pesquisa buscamos dar visibilidade a maneira como as pessoas negras são representadas aos discentes através do livro didático. Levando em consideração as leituras para realização deste trabalho, procuramos explorar o livro didático, enquanto nosso objeto de estudo e ferramenta didático pedagógica entre docentes e discentes.

Uma de nossas preocupações é trazer através dos estereótipos as imagens sobre pessoas negras, o que tem reafirmado sua inferioridade diante das demais raças. Por isso, caminhamos na contramão dessa visão e as compreendemos como agentes históricos.

No processo ensino-aprendizagem o/a professor/a precisa compreender seu papel ao se tratar do livro didático, ou seja, seu uso em sala de aula. Acerca dessa questão Ribeiro afirma.

(...) mas deixamos ao professor, dentro de suas condições de trabalho, a responsabilidade de preparar suas aulas e construir suas estratégias de pesquisa e discussão com os alunos. Pois, afinal, a aula é sua, mestre. Não é o livro didático sozinho que irá ensinar essas crianças e adolescentes a conhecerem a si mesmos e o mundo (RIBEIRO, 2002, p. 109).

Neste trabalho realizamos uma releitura acerca das imagens, com a finalidade de debater qual tipo de história sobre as pessoas negras está nos livros didáticos e que é possível em sala de aula. As imagens vão da pessoa negra na condição de subordinada, escravizado/a, a protagonista de uma história ainda em ascensão. As imagens nem sempre rompem com os estereótipos que deturpam a história da gente negra e não a enxerga como cidadã, uma vez:

O afrodescendente é parte integrante da história, não é saudável omiti-lo e muito menos destaca-lo considerando apenas suas “contribuições”. Ao explicar sobre “contribuições”, o etnocentrismo é nítido, o foco central de análise é o branco e o afrodescendente apenas “contribui” para algo que já existia e era hegemônico. Não parece oportuno, para nós, o negro ter um espaço definido/delimitado nos livros didáticos já que este é uma parte integrante de acontecimentos e fatos, enfim, da História (RIBEIRO, 2002, p. 105).

Para melhor compreensão da discussão que trazemos dividimos este trabalho em três capítulos. No primeiro discutimos a respeito da educação étnico racial na escola, onde se dá a prática ensino aprendizagem, mostrando a importância da convivência com a diversidade cultural. No segundo capítulo buscamos dar visibilidade a categorização das pessoas negras no livro didático do Ensino Fundamental II e por fim, apresentamos uma análise acerca das representações dessas pessoas, com o auxílio de 30 imagens contidas nos 4 Exemplares da coleção História e vida Integrada, de Nelson Piletti, publicada em 2008, pela editora Ática.

## CAPÍTULO I

### **EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA: UMA PRÁTICA DE CONVIVÊNCIA COM A DIVERSIDADE CULTURAL**

A Educação Étnico-racial está imbricada numa série de outras questões e aspectos que caracterizam a escola, a exemplo da convivência com a diversidade cultural. Para que essa modalidade de educação seja implantada na escola é necessário formar os profissionais de modo que eles possam lidar com a história e a cultura dos diversos povos que estão na base da formação social e cultural do Brasil. Assim como rever os livros didáticos utilizados em sala de aula, de modo que as práticas pedagógicas sejam plurais. Acerca dessa questão Pinheiro (2014) oferece uma abordagem sobre a pluralidade cultural afro-brasileira e africana no Brasil. Utilizando-se do conceito de intolerância no que diz respeito as matrizes culturais africanas, essa autora apresenta a complexidade entre teoria e prática, no que diz respeito a esse tema no âmbito escolar.

A escola enquanto espaço físico trata-se de algo estático, entretanto, ganha vida com a presença do corpo docente e discente, através de apresentações de determinados temas e questionamentos sobre estes. Assim se constitui num espaço de construção, inerente a conceitos e aprendizagem.

Como muitos povos contribuíram com a formação da sociedade brasileira a eles são delegados diversos valores, o que configura a circularidade cultural que hoje torna o Brasil um país multicultural. Nesse contexto não podemos falar de Brasil sem falar de África, de pessoas negras e suas culturas. Desde a promulgação da Lei 10.639/2003 é possível observarmos a preocupação voltada a compreender a contribuição dessas “gentes” na formação da nossa cultura e identidade. Não falamos aqui de uma contribuição isolada, mas da mesclagem de culturas que deu origem ao que fomos e, por conseguinte, o que somos.

Em virtude dessa realidade Pinheiro (2014) afirma que existe na Contemporaneidade um novo modelo de concepção educacional escolar e da própria sociedade, sendo este voltado aos direitos dos indivíduos, no que diz respeito às suas opiniões e pensamentos. Isso nos deixa entender que se trata de cidadania vivenciada a partir das expressões e manifestações culturais representada na Lei 10.639/2003. Essa lei trouxe a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas

escolas, o que torna possível professores/as tratar na escola da luta contra a discriminação racial, intolerância religiosa e cultural contra as pessoas negras. Tratando-se, portanto, de uma educação que visa estabelecer o debate sobre a desigualdade racial e social, racismo e preconceito ainda existente na sociedade brasileira.

Segundo Pinheiro (2014) no que diz respeito à multiplicidade cultural do país torna-se necessário mencionar órgãos e documentos que servem de subsídios para uma educação de qualidade, tais como o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e o CNE que trazem a valorização das matrizes culturais africanas e da identidade dos povos. Nesse sentido falar do Brasil, por exemplo, é tratar da multiculturalidade. Na escola essas questões devem ser apresentadas, discutidas e percebidas. Ainda nos dirigindo ao espaço escolar, torna-se notório que ao apresentar a temática em questão e seus respectivos subtemas, como; costumes, hábitos e religiões, poderão ocorrer conflitos entre alunos/as em sala de aula, tendo em vista a influência do cristianismo na maioria das escolas. O cristianismo é predominante, no que diz respeito as disciplinas de ensino religioso. É interessante compreender que isso não se passa apenas na escola, mas na própria sociedade.

Com relação à intolerância religiosa essa é preocupante quando tal comportamento torna-se sinônimo de agressividade, caracterizado por tensões, movimentos e conflitos.

Para compreendermos melhor esse problema se faz necessário um passeio pelo processo de colonização a que o Brasil foi submetido. Ao chegar à América, os europeus denominaram-na de “Novo Mundo”, os nativos da terra foram encontrados em sua religiosidade natural, mas como forma de completar a missão religiosa de catequização e evangelização, os portugueses implantaram o cristianismo como religião oficial.

Com a crescente demanda por mão-de-obra teve início o tráfico de pessoas negras arrancadas da África. Dessa forma ao chegar ao que hoje chamamos de Brasil essas pessoas foram submetidas à condição de escravizadas pelo colonizador europeu e foram obrigadas a se desfazer de suas culturas e religiões, aderindo assim à religião imposta.

Na relação estabelecida nativos e africanos adotaram o cristianismo como forma de sobrevivência, o que faz com que o cristianismo ainda hoje seja uma religião marcante, responsável por atrair vários adeptos. Diretamente ou indiretamente tais práticas do passado ainda interferem no presente das religiões de matrizes africanas, visto que outras

são incorporadas. O que vale salientar é que essas religiões ainda sofrem com os preconceitos, apesar da liberdade de culto existente no Brasil.

Acerca da liberdade de culto religioso, na Constituição de 1988 no artigo 5º é possível observar que existe o direito de liberdade religiosa, entretanto, é comum a ocorrência de conflitos entre sujeitos de grupos religiosos distintos. Desta feita, compreendemos que a questão de inferioridade imposta às pessoas negras trata-se de um dilema histórico.

Devido ao eurocentrismo na concepção religiosa do Brasil as pessoas negras e suas práticas religiosas foram classificadas de barbárie e selvageria. Tratadas como animal em seu estado natural, percebido enquanto primitivo e inferior ao branco as práticas religiosas das pessoas negras ainda são discriminadas. Este discurso atravessou gerações e continua sendo incorporado por alguns indivíduos.

A apresentação dessa temática nas escolas da educação básica é relevante, apesar de não se tratar de algo fácil. É comum que educadores/as encontrem dificuldades para discutir tais questões. Um dos fatores que tem contribuído para que isso aconteça é a discriminação racial, arraigada e incorporada no pensamento de muitos.

Alguns esforços têm sido feito na busca da igualdade racial, um exemplo disso é a Lei 10.639/2003. A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas tem permitido aos estudantes e professores/as acesso a maior conhecimento sobre a diversidade cultural e histórica dos povos africanos e de outros que estão presentes na formação do Brasil, sobretudo, porque novos livros didáticos têm sido produzidos e trazidos à tona essa questão, embora nem sempre estes ultrapassem os estereótipos atribuídos às pessoas negras e suas práticas culturais, o que pode ultrapassar ou não a compreensão de democracia racial comum no imaginário dos/as brasileiros/as.

As pesquisas sobre livro didático desde outrora tem demonstrado a sua importância no processo aprendizagem dos conteúdos e conhecimentos escolar. Segundo Teixeira (2009) o livro didático é um forte instrumento utilizado na prática ensino aprendizagem. Nesse contexto o/a professor/a se utiliza desse recurso para facilitar a abordagem dos diversos conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento.

Sobre o livro didático, Teixeira (2009) aponta a relevância da linguagem visual que os livros didáticos possuem, na medida em que, a imagem enquanto texto não verbal apresenta um valor simbólico. Em sua pesquisa esse autor trabalhou com discentes do ensino fundamental, alunado na faixa etária entre 11 e 14 anos. Trata-se de adolescentes. Nessa fase os indivíduos estão formando suas opiniões e conceitos acerca do mundo, ou

seja, tudo que lhes for apresentado poderá influenciar diretamente seus pensamentos. Por isso, as imagens existentes nos livros didáticos não podem passar despercebidas nas aulas, uma vez que são carregadas de conceitos e ideologias.

Além de discutir a relação imagem e aprendizagem, na sua análise Teixeira (2009) dar ênfase a redução do número de afrodescendentes matriculados na escola do ensino fundamental. De acordo com esse pesquisador essa realidade não é natural, deve ser entendida enquanto um processo histórico, na medida em que o negro (a) ainda é retratado (a) de modo estereotipado, o que faz com que na contemporaneidade muitos afrodescendentes não consigam encontrar seu espaço na sociedade.

Ao tratar da imagem do negro (a) nos livros didáticos do ensino fundamental ainda é comum a presença de figuras que o inferiorizam enquanto integrante da sociedade brasileira. Geralmente pessoas negras são representadas no contexto da escravidão, no trabalho agrícola, no trabalho doméstico, e no mundo urbano nas funções menos qualificadas, dentre outras atividades.

As pessoas negras são associadas ao conceito de selvageria, barbárie e preguiça. As imagens reforçam o discurso eurocêntrico acerca dessa população. Dessa maneira são reafirmados estereótipos onde a inferioridade é naturalizada e decorrente de no passado as pessoas negras terem sido escravizadas. Esse é o tipo de imagem propagada entre as crianças, adolescente e jovem.

Por isso, no seu trabalho Teixeira (2009) chama a atenção para a invisibilidade da pessoa negra nos livros didáticos. Segundo esse pesquisador a pessoa negra nos livros didáticos só aparece nas gravuras de forma depreciada, quase sempre analfabeto, pobre, desempregado, escravizado, dentre outros aspectos negativos.

Diante dessas imagens qual será a atitude de um adolescente negro (a) ao ver esse tipo de discurso depreciativo? Será que isso irá leva-lo (a) a querer superar as expectativas da sociedade sobre ele (a), levando em consideração o passado dos afrodescendentes? Ou ele (a) irá se frustrar diante das imagens? Resta-nos dizer que as imagens possuem poder específico. Elas são observadas, analisadas e interpretadas, delas tiramos inúmeras conclusões. A simbologia que a imagem traz deve ser pensada, antes de ser exposta nos livros didáticos. O fato é que muitas imagens deturpadas acerca das pessoas negras continuam presentes nos livros didáticos, o que torna difícil a inclusão desse contingente populacional no currículo escolar e na sociedade em outra condição.

Em sua pesquisa realizada sobre os três primeiros anos do século XXI, Costa (2004) apresenta um estudo minucioso a respeito dos livros didáticos, enquanto recurso

pedagógico utilizado entre docentes e discentes. De acordo com essa autora os livros didáticos se fazem presente nos primeiros momentos da escolarização, daí sua importância. É comum que crianças e adolescentes tenham os livros como detentores e legitimadores de verdades. Isso se deve ao fato dos livros serem utilizados nos momentos iniciais da prática de ensino, como mencionamos acima. Nessa perspectiva a ferramenta didática deve ser utilizada com sabedoria, permitindo que o/a aluno/a trabalhe seu senso crítico sobre os temas.

Logo, cabe aos docentes à tarefa de elucidar aos alunos que os livros são apenas um instrumento no processo de aprendizagem, que somado a outros aspectos possibilitam a produção do ensino e do saber.

Na análise dos livros didáticos Costa (2004) aponta que a imagem enquanto texto visual é o primeiro objeto que o/a aluno/a irá ler. Queremos afirmar que a visualização da imagem é convidativa, ela provoca o/a leitor/a aluno/a. Por isso, em sua pesquisa o autor trata sobre a relevância de imagens que dizem respeito a escravidão. Tais imagens presentes nos livros didáticos do ensino fundamental requer atenção do/a professor/a ao discutir-se a prática de ensino.

Partimos do princípio de que os livros didáticos são “detentores de verdades” para os alunos/as. Sendo assim são compreendidos como grande auxiliador no processo educativo. Entretanto temos que tomar conhecimento de que o ensino/aprendizagem não se dá apenas por meio dos livros, muitos outros fatores são necessários. Dentre esses aspectos podemos destacar o/a aluno/a, o/a professor/a, os livros, enfim. Isso sem mencionarmos a escola (empresa) enquanto estrutura física e seus respectivos espaços. Ou seja, sabemos que existe um conjunto por trás do conceito ensino aprendizagem. Nesse contexto os livros devem ser entendidos como um instrumento e não como a peça fundamental na abordagem dos conteúdos.

Voltando nossa atenção para as imagens devemos analisar sua importância nos livros didáticos. É comum que muitas imagens predomine a atenção do/a aluno/a.

Referindo-nos ao tema da escravidão em especial, as imagens são acompanhadas de intenções, as quais desvalorizam ainda mais o valor das pessoas negras na sociedade. Ao falar sobre a temática da escravidão é interessante o/a professor/a ressaltar que se trata de 300 anos de história, onde pessoas negras escravizadas foram excluídas da sociedade e do discurso historiográfico. Compreendemos, portanto, que as imagens referentes a esse

capítulo da história do Brasil e das pessoas negras sejam de suma importância para que possamos interpretar de forma mais abrangente a história da nossa sociedade.

Ainda sobre a imagem de pessoas negras nos livros didáticos, Silva (2008) em seu trabalho, reflete sobre imagens de cunho escravista, que estão nas obras destinadas ao Ensino Fundamental, e, por conseguinte, compreende que estas são trabalhadas em sala de aula. Ao mostrar a importância do estudo dessas imagens o autor aborda os interesses na produção dos próprios materiais didáticos.

Sobre a discussão da escravidão Silva (2008) aponta a ótica de diversos autores que se debruçaram a estudar o tema, os estudos se dividem por duas linhas de pensamento, onde encontramos aspectos da negatividade e positividade. Uns enxergavam o regime escravista como um atraso para o desenvolvimento histórico e populacional, pelo fato das pessoas negras (as) não pertencer ao mesmo patamar do branco europeizado. Em contrapartida há aqueles que buscaram avaliar a escravidão como sendo uma prática desumana, porventura isso teria atrasado o crescimento do Brasil no sentido cultural, histórico e social.

Na historiografia podemos compreender de forma mais explícita a abordagem dos autores no que diz respeito à história dos escravizados (as) e seus pontos de maior relevância. No final dos anos 1970 surgiu o que Silva (2008) chamou de Nova História Social da Escravidão, num período de desenvolvimento dos movimentos sociais, e luta pela redemocratização do Brasil. Nesse contexto as pessoas negras escravizadas que outrora eram “coisificadas” passaram a ser vistas como agentes históricos, o que se deveu a nova metodologia de análise. Podendo assim interferir e negociar sobre si mesmo, o “escravizado” agora se encontrava numa categoria diferente daquela de longos séculos. Resta dizer que compreender os mecanismos que dizem respeito às imagens de pessoas negras nos livros didáticos é de grande significado para rompermos com os estereótipos ainda permanentes.

Na sua pesquisa sobre livros didáticos Leite (2010) fala sobre pessoas negras e suas representações e apresenta espaços distintos de reprodução do indivíduo afrodescendente. Vemos que apesar do racismo ser considerado crime na lei brasileira ele não deixa de existir em diversos setores de nossa sociedade.

Na sua pesquisa Leite (2010) analisou a aparição das pessoas negras, especificamente de que forma elas aparecem e vem sendo expostas, nos livros didáticos e no cinema. Tanto os livros didáticos quanto o cinema são considerados recursos didáticos pela autora, na medida em que, apesar de ambos terem contribuído para

reafirmar estereótipos que se refere ao sujeito escravizado (a), ora podem ajudar no combate a esses conceitos de negatividade pré-estabelecidos.

Nas pesquisas realizadas, a autora observou que pessoas negras são representadas por imagens ou textos nos livros didáticos e tem sua identidade deturpada, mesmo se tratando de produções didáticas pedagógicas. Na maioria das vezes as pessoas negras são representadas como um indivíduo solitário, sem família, sem amigos, inferiorizados, pobres, ladrões, com aspecto físico deformado e até mesmo é chamado por apelidos e não pelo seu nome próprio, fazendo com que este não tenha identidade. Desse modo são interpretadas erroneamente por grande parte dos alunos/as que tem acesso a esse material.

Não muito diferente dos livros, o cinema também contribuiu para reafirmar que as pessoas negras são inferiores às brancas. Segundo Leite (2010) no início do cinema no Brasil ocorreu o que a autora chama de *Black face*. Tratou-se de uma prática cinematográfica onde atores brancos se pintavam com tinta preta para interpretar personagens negros(as), e passavam ao telespectador uma visão estereotipada das pessoas negras e do seu continente.

O próprio conceito de raça reforçou a ideologia de que a raça branca era superior às demais, fazendo com que grande parte da população fosse marginalizada, tendo em vista aspectos físicos, psíquicos, históricos, políticos, econômicos, culturais e sociais. Por isso, é importante que na escola professores/as estejam atentos/as às imagens das pessoas negras veiculadas nos livros didáticos. Segundo Sa,

“A escola é um dos campos onde as manifestações racistas e discriminatórias deveria ser amplamente combatidas. É preciso trabalhar a discussão da diversidade já na infância. Se a criança não for preparada desde cedo dificilmente romperá com os preconceitos, possivelmente presentes em seu meio, e, tenderá a repetir os padrões de discriminação que aprender. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo educador, independente do seu pertencimento étnico / racial, crença religiosa ou posição política. Em um país como o Brasil que ainda conserva uma herança escravocrata enorme, as desigualdades enraizadas pelas políticas econômicas e públicas, principalmente na área social, revestem-se de uma importância que não podem ser desconsideradas”.(Sa, 2010, p.14).

Frente a essa realidade nos cabe a indagação. Será que após a promulgação da Lei 10.639/2003 as escolas públicas têm cumprido com as exigências demandadas? A lei

torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, esta pode ser compreendida como grande avanço frente à discriminação e o preconceito. Em relação ao espaço escolar, entendemos ser esse um ambiente no qual os alunos/as, professores/as, gestores/as, funcionários/as e pais estão em contato com a pluralidade e diversidade, seja ela; cultural ou religiosa. Por isso, essa história e cultura se fazem necessária e indispensável.

Sobre o papel social da escola Sa (2010) afirma que essa instituição é formadora de opinião. Nessa medida é possível observar que o discente entra em contato com um ‘novo universo’, são ideologias, conceitos, perspectivas, de modo que sua visão sobre o mundo é afetada.

Ao falar sobre as pessoas negras veremos que seu passado depreciativo vem desde a colonização. Queremos pontuar que os males trazidos pela escravidão são históricos e ainda se encontram arraigados em nosso cotidiano. Nessa proporção as pessoas negras são apresentadas nos livros didáticos de forma marginalizada e depreciada. Torna-se interessante buscar entender a maneira como a criança pensa as pessoas negras, ressaltando que as imagens negativas desse sujeito nos livros didáticos, influenciam o pensamento e a imagem que a criança construirá. O que vemos em muitos livros didáticos é a imagem das pessoas negras na condição de coitado, os próprios materiais didáticos omitem a história de luta do africano e dos/as negros/as no Brasil.

Quando nos referimos à literatura infantil, por exemplo, as pessoas negras também estão vinculadas a escravidão. O enredo se repete e a reafirmação de que o escravizado (a) é inferior ao homem branco perdura.

Para se contrapuser a essa perspectiva de imagem foi relevante o papel desencadeado pelo Movimento Negro e as conquistas alcançadas. Entre os avanços podemos destacar a criação da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). Após a criação dessa secretaria os debates sobre a condição das pessoas negras no Brasil se tornou mais frequente, sobretudo, porque o Estado passou a coordenar a discussão, cujo propósito era a busca de melhorias de vida da população negra, combate à discriminação racial e luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Por isso, Sa (2010) diz que trabalhar com a diversidade cultural e religiosa africana desde a infância da criança facilita a desconstrução dos estereótipos. As pessoas negras na contemporaneidade ainda sofrem com fortes preconceitos, embora o Brasil seja visto como um país diverso. Nesse sentido compreender a escravidão e o sujeito que foi marcado por esse regime nos ajuda a entender melhor a história da humanidade.

Apesar da relevância do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na escola da educação básica, muitas são as dificuldades, que dizem respeito ao processo de ensino-aprendizagem desse conteúdo. A estrutura da escola, a remuneração do/a professor/a e dos outros funcionários e a produção dos livros didáticos influenciam diretamente no tipo de educação que se busca alcançar. Vale ressaltar que dentro de uma lógica capitalista os alunos não precisam ser “pensantes”, na verdade devem ser educados a obedecer ao sistema. A classe dominante não está interessada no que o indivíduo pensa e sim na sua produção, que gera lucros para os grandes empresários.

Tal realidade está em consonância com uma vertente historiográfica que analisa a África, os africanos e as pessoas negras no Brasil a partir do ponto de vista eurocêntrico. É comum nos livros didáticos vermos o sujeito negro (a) de forma estereotipada, em textos, imagens, charges, letras de músicas e histórias em quadrinhos. Sobre as pessoas negras caíram alguns conceitos associados à inferioridade do sujeito, fazendo-se presente em nossa contemporaneidade.

Nessa perspectiva Freitas (2011) discute o material didático pedagógico. Elucidando a reponsabilidade que este tem frente à propagação de muitas visões deturpadas acerca dos/as negros/as. A autora afirma que isso contribui para o aumento da discriminação racial.

Nesse contexto os livros muitas vezes são apontados como protagonistas na escola, por isso, destacamos a relevância de trabalhá-los. Todavia, os livros didáticos não podem diminuir o valor do debate entre docentes e discentes, visto que o senso crítico em relação a esse material deve fazer parte da prática pedagógica.

Segundo Freitas (2011) a partir da década de 1950 os livros didáticos vem contribuindo no aumento da discriminação racial, na medida em que as abordagens dos textos e imagens, relativas as pessoas negras são grosseiras, para não dizer desumanas.

É comum que nessa ferramenta didática as pessoas negras apareça na condição de subordinação. Por isso, cabe ao docente trabalhar na desconstrução desse estereótipo. Para isso levemos em consideração a formação profissional. Sabemos que a formação do (a) professor (a) apresenta dificuldade no processo educativo. Por outro lado cabe a esses profissionais um maior empenho, quando nos referimos a apresentação do sujeito negro (a) nos livros didáticos. No século XXI é interessante ressaltar que os livros didáticos vêm passando por algumas transformações e não podem continuar representando as pessoas negras de forma estereotipada.

Acerca dessa questão Freitas (2011) afirma que a mídia televisiva também tem influenciado na aparição de negros/as de modo depreciado. A autora chama a atenção para as telenovelas, séries, filmes e seriados. Geralmente o sujeito negro/a é inferiorizado/a. Na maioria das vezes atores/atrizes negros/as interpretam um papel sem valor. Geralmente o ator/ atriz negro/a serve para dar vida ao desempregado (a), analfabeto (a), escravos (as), ambulantes e marginais. Isso é sério e preocupante, pois se torna comum no pensamento de grande parte de nossa sociedade.

A imagem das pessoas negras como coitadas tornou-se comum ao longo dos séculos. A ideologia de “coisa” referente a esse sujeito ainda se faz presente na historiografia. Os livros didáticos ainda passam a ideia de que pessoas negras não tem história e nem raiz. Seria isso verdade? Afirmar que sim seria negar anos de história, omitir uma cultura que é tão evidente em nossos dias.

Para Freitas (2011) os livros didáticos acabam cristalizando a opinião dos/as alunos/as, com seus estereótipos e paradigmas. Na visão do/a aluno/a, como mencionamos antes esse material é “detentor da verdade”. Esse contexto aplicado a abordagem das pessoas negras mostra como os docentes tem em mãos uma difícil tarefa. O que queremos dizer é que precisamos anular a concepção de que o homem/mulher negro (a) é inferior ao homem/mulher branco (a). Por isso, se faz necessário a produção de materiais didáticos com outro olhar sobre as pessoas negras no Brasil, o que ainda é desafiador para autores/as, editores/as e divulgadores/as.

No que diz respeito à produção do material didático existem influências dos diversos setores da sociedade, o que exige dos dirigentes educacionais e professores/as responsabilidade e atenção na hora de escolher os livros a serem utilizados em sala de aula, de modo que não reproduzam estereótipos sobre as pessoas negras e suas culturas.

Nessa perspectiva é relevante o papel desempenhado pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), por exemplo, esse programa tem entre suas funções avaliar a maneira como os autores/as contextualizam os textos e imagens. Isso implica dizer que no processo de produção poderão surgir aspectos que fujam dos parâmetros determinados pelo MEC.

Um exemplo simples, quanto às influências sobre o material didático, pensemos num livro produzido por autores da região Sudeste, que evidenciam características típicas dessa região. Vamos pensar que o assunto seja Patrimônio Cultural. Desse modo é possível que venha ocorrer estranhamento ao trabalhar esse material com alunos da região Nordeste. É notório que o livro dará ênfase aos patrimônios culturais da região Sudeste,

tendo em vista o local de produção. São culturas distintas, entre as regiões. O docente nesse caso deve partir do conhecimento prévio que o/a aluno/a possui e trabalhar com aquilo que ele entende que é característico do seu “mundo para posteriormente abrir um leque de informações contidas nos livros didáticos”.

Dentre as pesquisas sobre livros didáticos são pertinentes às formulações de Maria Cléa, visto na sua pesquisa discutir uma problemática antiga da nossa sociedade. A questão da democracia racial no Brasil. Segundo essa autora uma possibilidade de questionamento desse mito no Brasil foi à aprovação em 2003 da lei 10.639. Isso se tornou possível a partir dessa lei porque ela trouxe a possibilidade de um novo conceito sobre a história, à medida que incluiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas da educação básica.

Nesse contexto discussões sobre a historicidade das pessoas negras passaram a ser obrigatórias nas salas de aulas, por meio das práticas dos profissionais da educação. No entanto, para que essa lei ganhe de fato vida no espaço escolar, se faz necessária à formação dos/as professores/as, de modo que eles/as possam discutir com seus alunos/as os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana.

A questão da formação de professores/as é indispensável porque está conjugada com o ensino de qualidade, sendo este, portanto, um meio de republicanizar a escola, o que incide na implantação de mudanças, no que diz respeito a sua administração e funcionamento, tendo em vista a necessidade de melhorar a formação dos seus alunos.

Vivemos num mundo de transformações, e as mudanças porque passam a escola afetam diretamente a sociedade, uma vez que a escola é um espaço que tem como finalidade a prática educativa, e a preparação dos sujeitos para a vivência em sociedade, a partir das várias relações, sejam elas; culturais, econômicas, religiosas ou políticas. Por isso, o espaço escolar também sofre transformações, visto a sociedade está em constante processo de transformação. Nessa perspectiva os profissionais da educação devem se preparar para acompanhá-las.

Segundo essa autora a operacionalização da Lei 10.639/2003 depende em partes da formação dos/as professores/as. Isso não implica dizer que para um/a professor/a tratar da história e cultura afro-brasileira e africana em sala, esse por sua vez, deva ter em sua formação cursos específicos sobre essa temática. É relevante ressaltar que em virtude da obrigatoriedade do ensino desses conteúdos na escola da educação básica muitos profissionais da educação tem usado essa desculpa como justificativa para o não cumprimento da lei.

Com relação à prática do ensino dos conteúdos obrigados pela Lei 10.639/2003 há distância entre teoria e prática. Isso nos remete a um problema, muitos educadores/as continuam acomodados quanto a essa questão e não tem buscado formação, seja pela má remuneração, frustração profissional, desinteresse do corpo discente, dentre outros fatores. No entanto, essa situação deve mudar, visto que história e cultura afro-brasileira e africana dizem respeito aos sujeitos que estão na escola.

Ainda nos referindo ao/a professor/a torna-se necessário compreender que um ensino de qualidade parte do princípio que esse profissional deve constantemente refletir sobre a sua prática em sala de aula, o que essa autora denomina de conceito “prático-reflexivo”. Na sua compreensão:

“A formação docente não se dá apenas por acumulação de cursos, conteúdos e técnicas, mas por meio de um trabalho permanente de ‘reflexividade’ crítica e de construção de uma identidade pessoal – profissional”.  
(Ferreira, 2009, p.9).

O/a educador/a ao refletir sobre sua prática profissional faz com que obtenha várias compreensões a respeito de si mesmo e do trabalho que desenvolve. Esse processo o leva a perceber que papel ele ocupa na sala de aula, o tipo de contribuição que passa à sociedade. Nesse sentido ele/a toma consciência que além da identidade pessoal existe a identidade pessoal-profissional, sendo essa última àquilo que lhe possibilita entender o que é ser educador, e como ele/a contribui com a formação de vários sujeitos.

A reflexão do/a professor/a sobre sua prática incide na escolha e relação com os materiais didáticos, sobretudo, com os que se referem à temática da história e cultura afro-brasileira e africana, estes requerem cuidados mais específicos, uma vez que é comum nos livros didáticos os africanos ainda serem representados como sujeitos passivos e coadjuvantes no processo histórico. Tanto no discurso teórico, quanto nas imagens, os africanos e as pessoas negras brasileiras sofrem com o reflexo de um passado cruento.

A reflexão do/a professor/a sobre sua prática e os materiais didáticos de história e cultura afro-brasileira e africana utilizados em sala de aula possibilitará esse profissional compreender que esses povos foram e são protagonistas de sua história. Negar a participação e presença dos africanos na formação do Brasil é permanecer numa visão eurocêntrica e retrógrada de história.

## CAPÍTULO II

### CATEGORIZAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesse primeiro momento iremos discutir a representação do sujeito negro (a) nos livros didáticos de História. Nossa preocupação é apresentar a maneira como esse material didático e pedagógico representa a pessoa negra no texto não verbal. Entendemos seja necessária a produção de um discurso, onde consigamos trabalhar de forma crítica a imagem presente nos livros didáticos. Nele a pessoa negra é representada como escravizada, embora diversas outras categorias também sejam comuns, predomina a de escravizado/a e não se contempla a diversidade histórica e cultural desse sujeito.

Os pontos negativos comuns nas referências às pessoas negras permeiam os livros didáticos. Por meio da interpretação das imagens que faremos ao longo desse trabalho, desejamos fomentar uma nova leitura sobre o indivíduo estereotipado. Inúmeras atividades foram desenvolvidas pelas pessoas negras, de modo que, apesar da subordinação que à elas foi imposta, precisamos dar ênfase a contribuição dessas para o desenvolvimentos da história. Com relação ao discurso racista que os fere em nossa contemporaneidade Silva complementa.

Dizer que raça é uma construção social é assumir que lhe são atribuídos sentidos que influenciam a percepção a respeito de indivíduos e grupos e muitas das práticas sociais a que esses são submetidos (silva, 2008, p. 65).

Tendo em vista o passado de escravidão as pessoas negras são representadas na maioria dos livros didáticos como mão-de-obra escrava. É comum imagens delas no trabalho realizando tarefas, no que diz respeito às atividades domésticas, agrícolas e exercendo funções nos centros urbanos.

#### **1. Trabalho doméstico**

Era exercido pelas pessoas negras nos casarões urbanos e nas casas grandes das fazendas e engenhos. Os/as senhores/as dispunham de riqueza e conforto à custa do/

escravizado/a. Nessa atividade havia os que cuidavam da limpeza dos salões, quartos, cozinhas, dentre outros compartimentos dos casarões e casas grandes. Havia também aquele que trabalhava na venda, se ocupando das finanças de seu dono. Outros cuidavam da alimentação e haviam aqueles que cuidavam da senzala. O tipo de trabalho executado pelo/a escravizado/a era uma forma específica de servir ao senhor branco.

Geralmente o/a escravizado/a doméstico era educado a servir seus senhores/as conforme os padrões europeus. A imagem nos livros didáticos o apresenta com uma vestimenta que o diferencia dos/as demais escravizados/as da fazenda ou engenho, pois são representados/as vestidos/as e em posições que remete aos hábitos e comportamentos dos europeus. Alguns eram antigos nas fazendas, e há anos conviviam próximas aos/as senhores/as, tinham-lhes a confiança e como executavam funções dentro da casa grande vestiam-se em consonância com os proprietários.

## **2. Trabalho agrícola e nas minas**

Dentro da categoria trabalho, a principal e mais comum forma de representação da pessoa negra nos livros didáticos é o trabalho no eito de cana-de-açúcar e nos cafezais. À medida que o produto econômico do Brasil mudou, mudou também o espaço geográfico e a forma de representação nos livros didáticos. As primeiras representações remetem ao trabalho agrícola exercido por pessoas negras nas lavouras de cana-de-açúcar no nordeste. Depois é comum a representação nos cafezais em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Assim como nas minas de ouro em Minas Gerais.

Trata-se de um tipo de representação do trabalho onde a força ‘braçal’ é a mola mestra e é executado em condições sub-humanas, visto que pessoas negras eram expostas ao sol, sem alimentação adequada para a tarefa executada em alta jornada de trabalho escravizado.

Seja nas plantações, ou colheitas de cana e de café, assim como nos moinhos dos engenhos de açúcar e nas minas de ouro pessoas negras possuíam um saber e colocavam a serviço da produção de riqueza e lucro, no entanto, eram submissas aos brancos. Em troca do seu trabalho recebiam uma alimentação suficiente a mantê-las vivas, além de roupa uma vez por ano e tinha a senzala para a noite descansar da longa jornada de trabalho diária.

## **3. História do/a negro/a passado**

Nos livros didáticos analisados nesta pesquisa são notórias imagens referentes as pessoas negras associadas ao passado, principalmente ao período que vai do século XVI até final do século XIX com a abolição da escravidão. As representações ao limitá-las ao tempo do passado constrói outra imagem, a de que não ocupam espaços na sociedade contemporânea, e quais são esses espaços?

Por séculos pessoas negras foram marcadas pela escravidão, tratada como selvagem, e de que sua vida era desprovida de sentimento, cultura, história e fé. Sua trajetória foi marcada pela exclusão de direitos e manutenção da obrigação de garantir lucro aos/as senhores/as. Após a abolição da escravatura esse indivíduo precisava ser visto e aceito socialmente, mas isso não ocorreu, visto a sociedade da época o enxergava como inferior e aceita-lo como seu semelhante, mesmo livre era uma afronta aos padrões da sociedade moderna.

O resultado é que pós 1888 as pessoas negras estavam livres, mas não possuíam um espaço que pudesse chamar de “seu”. Tratava-se de indivíduos que saíram da condição de escravizados, não tinham moradia, nem trabalho, renda para sobreviver, na maioria dos casos nem tinham se quer família. A sociedade brasileira de final do século XIX, apesar de moderna não recebeu as pessoas negras na condição de cidadãos. No entanto, era livre, mas a condição em que viviam nos possibilita questionar que tipo de liberdade era aquela?

No século XXI as imagens dessas pessoas expostas nos livros didáticos analisados continuam presas ao passado como se eles/as tivessem desaparecido da sociedade brasileira. Em outras palavras é como se esses sujeitos ainda não ocupassem um espaço na sociedade. Nessa lógica os livros continuam reproduzindo escritos e imagens estereotipadas acerca das pessoas negras e suas histórias. Trata-se de um sujeito que no passado foi escravizado.

#### **4. Cultura**

Tratar da cultura negra ou afro-brasileira exige que pensemos sobre a cultura africana e compreender que o continente africano em si dispunha de diversas etnias. Cada uma compartilhava de línguas e costumes distintos um do outro. Uma cultura rica e grandiosa, que por meio do contato com europeus chegou até o Brasil.

Com o processo de escravidão muitos africanos tiveram que absorver a cultura europeia para sobreviver. Com o passar do tempo seus hábitos foram se modificando, ainda assim mantiveram características de sua cultura, e adaptaram-nas a realidade do

local onde foram inseridos como mão-de-obra. Nos livros didáticos esse processo está representado nas roupas, danças, acessórios, cantos, dentre outros aspectos culturais. Uma demonstração de que nem tudo foi perdido, mediante as dificuldades que encontraram no Brasil ressignificaram suas práticas e seus saberes.

## **5. Vida social**

Nas representações nos livros didáticos pessoas negras não tinham o que chamamos de vida social. Um momento no qual poderiam desfrutar de lazer, ou praticar atividades para o seu fim pessoal. Nas imagens é raro vê-los se divertindo. O que encontramos são representações da capoeira, forma de se perceber enquanto africano. Era comum que os escravizados fizessem rodas para cantar e contar suas histórias, como símbolo de união, família e convívio, visto que essas práticas são comuns nas comunidades tradicionais contemporâneas, no entanto, não há nos livros didáticos representações destas.

## **6. Mercadoria**

As imagens que os livros trazem acerca do tráfico negreiro são chocantes, uma vez que nelas pessoas negras são tratadas como mercadoria. As imagens possibilitam compreender que o comércio de escravizado se tratou de uma prática desumana na qual os africanos foram submetidos ao preço do mercado. Na literatura, por exemplo, esse tema inspirou vários poetas. O que dizer da obra “ O Navio Negreiro” de Castro Alves? Poema onde o autor relata a vida dos africanos no porão dos navios. As pessoas negras eram tidas como mercadorias que precisavam ser transportadas até as Américas. Muitos morriam durante o percurso da viagem, tendo em vista as péssimas condições em que se encontravam. Ao longo da história o tráfico de escravizados ganhou grande destaque, o “comércio de vidas” era muito lucrativo. Quem nunca ouviu falar sobre os navios negreiros? Esse tipo de conhecimento remete a história e ainda interfere diretamente na condição de vida do sujeito negro na contemporaneidade, sobretudo, na imagem que se tem não só dele/a, mas da África, esse continente ainda continua sendo apresentado como a terra de escravo, de miseráveis, e excluídos.

## **7. Castigos**

O castigo é outro tipo de representação comum às pessoas negras nos livros didáticos, com frequência estão presentes nas páginas e relacionados à condição de escravizado a que foram submetidas.

As representações são postas como forma de mostrar a inferioridade das pessoas negras na relação com as brancas, pois eram punidas quando desobedeciam as ordens de seu senhor. Algo comum nas imagens é uma pessoa negra castigar outra escravizada. Porque isso ocorria?

Os castigos eram diversos, alguns eram mais utilizados, como o tronco, pelourinho, gargalheiras, dentre outros. Essas práticas desumanizavam a pessoa enquanto sujeito. Muitos não resistiam a aplicação dos castigos e morriam. A sociedade da época se beneficiava com a escravidão, portanto esse regime era comum e necessário entre os/as senhores/as. Apesar de os castigos conotarem submissão da pessoa negra a branca, elas também representam resistência, pois não se castigava o sujeito obediente, cordial e ordeiro.

## **8. Religião**

As representações sobre as religiões afro-brasileiras, ou seja, aquelas formadas no Brasil a partir dos elementos que os africanos trouxeram, não são comuns nos livros didáticos analisados. As religiões africanas ainda sofrem com preconceitos por parte de outros grupos religiosos. Esse problema também é histórico, visto que ao chegar à América os africanos era obrigado a aceitar o cristianismo como religião, o que dificultou a prática das religiões trazidas da África. Entre os europeus havia também a ideia de que os africanos não possuíam alma, reafirmando que eram inferiores aos brancos.

## **9. Resistência**

Estamos acostumados a ouvir a mesma história sobre as pessoas negras, aquela inerente à escravidão. Nesse contexto essas pessoas são percebidas de forma depreciativa. Os conceitos de selvageria e barbárie acompanham-nas por séculos. O que queremos dizer é que essas pessoas na história são apresentadas como “vítima”, aquelas que foram exploradas caladas/os e não resistiram. Em contrapartida houve resistência negra frente à escravidão. Os quilombos, as fugas, os ataques, os furtos, reduzir o ritmo de trabalho, dentre outros aspectos são astúcias como forma de resistência.

As pessoas negras nunca aceitaram a condição a que foram submetidas, nem sempre obedeceram e submeteram-se a ordem do branco. Houve muitas lutas contra as

imposições dos/as senhores/as. Os/as escravizados/as dentro de suas limitações buscaram uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, a imagem enquanto protagonista da história de sua resistência é desconhecida por muitos estudantes e professores/as. Restamos dizer que pessoas negras não aceitaram passivamente a escravidão, o custo foi o sangue e a vida.

### **10. Negro/a urbano/a**

De acordo com as imagens recorrentes nos livros didáticos, o contato de pessoas negras com a cidade deu-se por meio da venda de africanos em geral. Ao chegar ao porto os navios traziam mercadorias e negros/as para comercialização. Conforme as imagens essas pessoas eram colocados/as nuas no chão, no centro das cidades. Ali ficavam expostas ao sol, insetos e animais. Era comum confundi-las com os próprios animais.

Afora o momento da comercialização outra imagem denotativa da presença dessas pessoas no cenário urbano são os/as escravizados/as que trabalhavam na venda de algum produto para o/a seu/sua senhor/a, os chamados vendedores/as negros/as de ganho. Apesar de circular na cidade vendendo algo para o/a senhor/a o percurso que faziam era controlado pelo branco. Nessa perspectiva o espaço urbano não era para elas, uma vez que estavam ali para prestar serviço ao/a seu/sua senhor/a.

### **11. Negro Midiático**

Mesmo que não discuta a história da pessoa negra pós 1888 são comuns nos livros didáticos imagens de pessoas negras que se destacaram em alguns setores da sociedade. Diante da exploração a que foram submetidas durante o regime escravista os livros mostram que alguns se destacaram.

O passado de inferioridade contribuiu para que essas pessoas não conquistassem seu espaço na sociedade, o que fez com que alguns tenham se destacado, no entanto, o que os livros não discutem é que o destaque não é regra, mas exceção.

A historiografia contemporânea sobre a escravidão discute que algumas pessoas negras ao conquistar sua liberdade se engajaram na luta pela abolição da escravatura. Uns poucos mesmo em meio as dificuldades tornaram-se advogados, médicos, enfim e se solidarizaram com os irmãos de cor. Uma evidencia de que a sociedade não os incluiu pós 1888 e os que aderiram a luta buscaram conquistar espaço na sociedade seja na música, no futebol, nas artes em geral. O que nos chama atenção nas imagens recorrentes nos livros é que pouco se vê as pessoas negras em uma profissão renomada fora do

universo da arte e esporte. Falamos de uma posição profissional que seja alcançada através de graduações, mestrados e doutorados. Será que pessoas negras não tem capacidade de se profissionalizar? Será que pessoas negras só têm habilidades para jogar futebol, cantar, dançar ou segurar um microfone? Os livros didáticos ainda não se referem ao espaço social ocupado pelas pessoas negras que não seja esse. Essas representações são relevantes, sobretudo, porque visibilizam o sujeito negro, mas limitá-lo num livro didático passa para o estudante a compreensão de que essas pessoas só servem para jogar futebol, cantar e dançar.

### **CAPÍTULO III**

## **REPRESENTAÇÕES DE PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA**

Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse outro sob-rejeição ou suspeita. Por outro lado, a vítima do preconceito pode vir a internalizá-lo, auto rejeitando-se e rejeitando àquele que se lhe assemelha (SILVA, 2001. p. 17).

Neste capítulo analisamos as representações das pessoas negras no livro didático de História. Para tanto, recorreremos à coleção de livro didático intitulado: História & Vida Integrada, dos autores Nelson Piletti, Claudino Piletti e Thiago Tremonte. A coleção em questão consta de 04 exemplares e é destinada ao ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano). Foi publicado pela Editora Ática no ano de 2008, portanto, cinco anos após a promulgação da Lei 10.639/2003 que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9.394/1996 e institucionalizou nas escolas da educação básica a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Em 2008 a LDB foi novamente alterada, dessa vez pela Lei 11.645/2008 e foi acrescida ao artigo 26 a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena. Mas neste trabalho nos atemos a discutir apenas as representações das pessoas negras.

Neste sentido, a nossa perspectiva é identificar se a institucionalização do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica alterou a concepção dos livros didáticos com relação às representações de pessoas negras no que diz respeito à superação dos estereótipos consagrados na escrita didática de história, discutida no II capítulo deste trabalho.

Ao longo dos séculos as pessoas negras vêm sofrendo preconceito nos vários setores da sociedade e nos diversos aspectos. Nos livros didáticos, esses sujeitos ainda são apresentados numa perspectiva do currículo eurocêntrico, onde suas histórias são omitidas do discurso historiográfico.

Acerca dessa questão Silva (2001) ao elucidar o conceito de invisibilidade explica a postura do silêncio em relação à questão racial na escola. De acordo com essa

pesquisadora os funcionários/as que compõem o corpo da escola se mantêm em sua maioria acomodados/as. O que ocorre é a conformidade diante dos fatos e situações de preconceito contra as pessoas negras. Existe o conhecimento de que essas pessoas são marginalizadas e inferiorizadas, entretanto muitos silenciam frente à realidade.

Em sua pesquisa, Silva (2001) trabalhou com a correção dos estereótipos sobre as pessoas negras presentes nos livros didáticos, e buscou desconstruir a desumanização que se faz presente sobre essas pessoas. De acordo com essa autora através da desconstrução dos estereótipos será possível corrigir a

Velha ideologia de que os afrodescendentes não possuem história, família e nem raiz. Queremos dizer que o negro (a) tem uma identidade que lhe é particular, que o identifica. Dessa forma o nome nos individualiza nos confere uma identidade própria (SILVA, 2001. p. 34).

Se referindo acerca da inferioridade e deturpação da imagem das pessoas negras podemos dar ênfase ao modo como estas são representadas nos livros didáticos, fazendo com que em contato com estes materiais professores/as e estudantes negros acabem se frustrando e incorporando os estereótipos estabelecidos ao seu respeito. Segundo Silva,

É natural a rejeição a algo considerado ruim. A rejeição aos cabelos crespos por muitas crianças e adultos negros é resultado das atribuições de ruim que lhes é imposta pelo estereótipo. Os cabelos crespos das crianças são identificados como “ruim” primeiro pelas mães, que aprenderam a ver os cabelos lisos e ondulados representados como “bom” e depois pela própria criança, que na escola sofre com os coleguinhas que põem os mais variados apelidos nos seus cabelos crespos (SILVA, 2001. p. 38).

Vários pesquisadores/as nos seus trabalhos se debruçaram a analisar a representação das pessoas negras nos livros didáticos e fazer uma releitura para desconstruir a visão eurocêntrica, que o expõe a condição de pobreza e a África associada à miséria. Dentro dessa ótica seus habitantes são primitivos, selvagens e bárbaros. Na visão do colonizador são “seres” inferiores.

Por isso, trabalhar a desconstrução dos estereótipos existentes a respeito da pessoa negra escravizada não é tarefa fácil, mas as pesquisas têm avançado e os/as estudiosos/as têm se posicionado contra o preconceito e o racismo. Todavia, os estereótipos inerentes às pessoas negras precisam ser superados. Para Silva,

As denominações e associações negativas à cor da pele podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela e buscar o branqueamento (SILVA, 2001, p.55).

Cada indivíduo deve ter orgulho da sua raça, pois ela diz respeito à sua identidade, que como já mencionamos lhe pertence e lhe particulariza. A cor não interfere no caráter do sujeito, não diz respeito às suas qualidades ou defeitos. Desse modo é necessário que os materiais didáticos entregues aos alunos passem por uma correção. Ao folhear um livro didático o discente negro em especial deve ter acesso a história de seus antepassados, conhecer a presença desses no desenvolvimento da humanidade. Reconhecer-se enquanto afrodescendente e ter prazer em fazer parte dessa história. Obter essa visão é permitir que negros e negras escrevam novas páginas, acerca de sua ‘‘gente’’ e de si mesmo.

Em seu trabalho Silva (1995) expôs sua crítica, no que diz respeito à apresentação das pessoas negras, tendo em vista a possibilidade de uma educação antirracista.

Segundo Silva (1995) desde a década de 1950 podemos destacar uma preocupação entre pesquisadores/as acerca da maneira com que os livros didáticos vêm apresentando as pessoas negras, ou seja, sua cultura, religião, política e principalmente a sua etnia (raça). Dentre os autores que realizaram trabalhos e pesquisas sobre a discriminação do sujeito negro nos livros didáticos destacamos; Negrão (1995), Rêgo (1995), Noselha (1995), Hofiling (1995), Telles (1995), Gonçalves (1995), Schreiber (1995) e Rosemberg (1995). Tais autores/as se dedicaram a investigar os estereótipos inerentes ao negro (a) no material didático pedagógico. Dos livros utilizados em sua pesquisa Silva aponta,

Em todos os livros analisados, o branco foi o personagem predominante, quer nas ilustrações quer nos textos, enquanto que o negro apareceu como minoria, de forma distorcida e desumanizada, estereotipada e inferiorizada (SILVA, 1995. p. 31).

Nos livros analisados por essa pesquisadora as pessoas negras são quase invisibilizadas no contexto histórico. Quando estas aparecem estão associadas à condição

inferior o que deturpa a sua imagem. Desse modo a pessoa negra é compreendida enquanto escravizada e se encontra inferiorizada e marginalizada.

Na prática do ensino aprendizagem pouco se vê conteúdos que exponham esse indivíduo de forma positiva. O comum é que este apareça sob constante submissão. Na realidade muitas pessoas em nossa sociedade contemporânea ainda percebem as pessoas negras através da escravidão.

Acerca dessa questão Silva (1995) afirma que os estereótipos constroem ideias negativas a respeito do outro. Imaginemos por alguns instantes quanto as pessoas negras têm sido “coisificadas” por meio dessas concepções. O sujeito depreciado pode vir a se auto menosprezar diante dos demais. Essa autora também compreende como a perda da (autoestima). Trabalhando a relevância atribuída aos livros didáticos na escola Silva esclarece,

Contudo, muitos processos civilizatórios e muitas visões de mundo são omitidos ou distorcidos pelo livro, que veicula na maioria das vezes a visão de mundo e o processo civilizatório das classes dominantes (SILVA, 1995, p 47.).

Mediante o contexto acima podemos afirmar que a imagem das pessoas negras tem sido estereotipada, folclorizadas e cristalizada no pensamento dos discentes. O que contribui para essa triste realidade são os materiais didáticos entregues aos alunos, os quais propagam a ideologia do branqueamento. Não podemos aceitar tal prática em nossa educação. Precisamos urgentemente investir em bons profissionais da educação, que reconheçam o que está acontecendo e se posicionem frente a realidade dos materiais didáticos para transformar a realidade na qual negros, brancos e indígenas estão inseridos.

De acordo com Silva (1995) Tratando-se do/a professor/a especificamente, este deve não apenas mostrar o que os livros didáticos trazem, mas junto aos discentes fazer indagações. O/a educador/a deve permitir que o/a aluno/a venha compreender que nem tudo que está no material didático é verdadeiro. Mostrar que as produções dos conteúdos muitas vezes são intencionais e debater sobre a possibilidade dessas intenções é importante. O que pode ser feito são oficinas, pesquisas e seminários sobre temas como a escravidão, na tentativa de destacar a história por parte dos escravizados (as), ou seja, tentar interpretar as duas classes sociais que fizeram parte desses 300 anos de história. Onde é possível observarmos o escravizado e o colonizador. Ao discutir sobre a representação da mulher negra nos livros didáticos, Silva esclarece,

Evidenciamos o papel de mãe, porque a representação da mulher negra nos livros foi distorcida a ponto de ocultar a existência da mãe negra, figura presente e destacada na sociedade brasileira. A rejeição e o desrespeito à mulher negra pelo homem branco, assimilados também pelo homem negro, resultam exatamente da disseminação dos estereótipos da doméstica, feia, burra, supersticiosa e lasciva, mulher sem status, bem como da fixação da imagem da mulher branca como o padrão de beleza, pureza e perfeição (SILVA, 1995, p 61.).

De acordo com Silva (1995) na produção dos livros didáticos a mulher branca recebeu grande exaltação, sendo esta, por sua vez apontada como o ideal de mulher “perfeita”. Daí vemos as representações; da santa, dona de casa, mãe, guerreira, dentre outras. Por outro lado, a mulher negra foi criada numa concepção de inferioridade em relação a primeira. Nas imagens é comum as mulheres negras representarem a “doméstica”. Seria esta a pessoa responsável por cuidar da casa, da refeição e até mesmo dos/as filhos (as) de indivíduos das classes dominantes, que em sua maioria seriam brancos (as). Queremos dizer que à mulher negra ficou reservado um espaço de subalternidade, onde são representadas solitárias, como se estas não tivessem família, ou seja, maridos e filhos(as). Nessa visão a mulher negra vive sob a perspectiva de um estereótipo que a inferioriza enquanto sujeito. Os padrões de beleza, a sensibilidade e feminilidade que caracterizam a mulher branca fazem com que a mulher negra tenha sua imagem depreciada.

Frente a essa realidade faz-se necessário que professores/as façam algumas indagações acerca da representação da mulher negra nos livros didáticos. Será que a mulher negra não tem capacidade para ser mãe? Ou essa questão diz respeito ao perfil de uma mãe ideal? E como seria essa mãe ideal? Isso tem haver com o grupo de indivíduos que produz o material didático e seus interesses? Infelizmente ainda é comum que os materiais didáticos neguem a existência da mãe negra, que possui casa, marido e filhos (as). Em muitas pesquisas sobre a mulher negra nos livros didáticos, estas são inferiorizadas. Quando os livros as retratam como mãe ela está na condição de escravizada, servindo seus senhores e seus filhos (as). Enquanto o filho da mãe preta é representado sentado ao chão, se alimentando de migalhas que caem da mesa. Faz-se necessário que professores/as questionem e critiquem esses conteúdos, envolvendo os/as alunos em trabalhos de pesquisas, de modo, que possam desvendar outras imagens das pessoas negras, em especial das mulheres.

Após essas discussões passamos a analisar/fazer uma leitura das imagens de pessoas negras no livro didático que escolhemos como objeto de estudo para a construção deste trabalho. Fazemos a leitura das imagens seguindo a ordem com que o livro foi escrito, cujo destino é o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano. A perspectiva é perceber se de acordo com os níveis escolar há mudança quanto a representação das pessoas negras.

### **Imagens de pessoas negras no Livro de História do 6º ano**

Imagem Christiano Junior



Fonte: PILLETI, Nelson; PILLETI, Claudino e TREMONTE, Thiago. História e vida integrada. 6º Ano. SP: Ática, p. 12, 2008.

A imagem retrata a mulher negra colhendo café. Essa imagem é uma foto datada do período entre 1864/1866 e nela a mulher aparece com roupas simples e um pano amarrado à cabeça. Esta, por sua vez, apresenta na sua aparência sofrimento e submissão. Próximo à mulher há um cesto, provavelmente utilizado para depositar o café coletado nas árvores e que depois era carregado por outra mulher ou homem também escravizado. Através da cena aqui retratada é notório que o trabalho agrícola apesar de produtivo está associado à pessoa negra e a escravidão.

A condição de escravizado a que as pessoas negras foram submetidas deixou sequelas, e como resultado a sociedade brasileira ainda hoje convive com o preconceito racial, o racismo e a intolerância com as práticas culturais desses sujeitos, sobretudo, as religiões afro-brasileiras. Esta representação da mulher negra não foge aos estereótipos

geralmente consagrados nos livros didáticos, visto retratar a mulher negra apenas na condição de escravizada e submissa. Entendemos ser o trabalho uma condição também necessária a mulher, mas a condição de escravizada não.

Imagem Desiree Martin

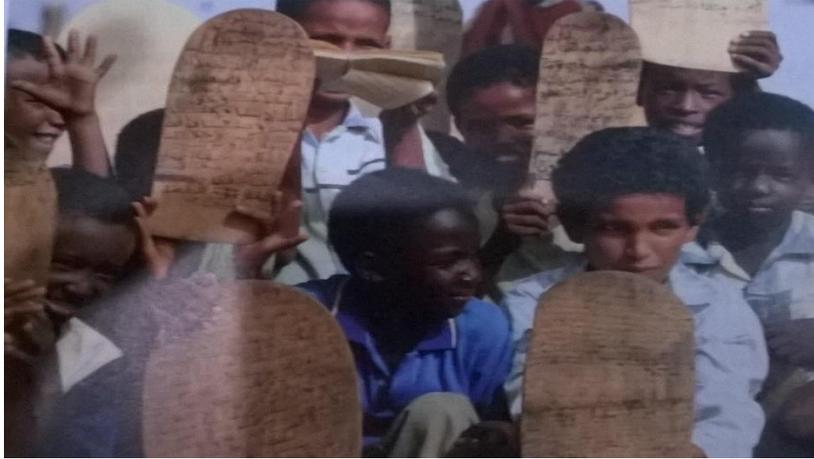


A imagem mostra um grupo de africanos negros/as que desejam migrar para a Ilha Tenerife, na Espanha. Os indivíduos estão fazendo uso de um bote para realizar a travessia. O bote parece transportar além da sua capacidade, o que os expõem a possíveis complicações. Essas pessoas sonham com uma vida melhor. Nessa perspectiva valeria a pena qualquer risco.

Uma problemática real é o fato de que muitos africanos negros/as ainda se veem forçados a migrar de suas terras em busca de novas oportunidades. O que acontece é que muitos não conseguem e mesmo que consigam acabam levando uma vida de dificuldades em outros países.

Comprendemos ser esse outro tipo de exploração que ainda perdura e submete os/as africanos/as a uma nova condição de escravizados/as, a de refugiados/as. Os africanos aqui ilustrados não conseguiram chegar ao país europeu, pois foram presos em setembro de 2007.

Imagem Ferdinand Reus



Na imagem podemos observar algumas crianças negras na Mauritânia, na África Ocidental. As crianças estão segurando placas de madeira onde está inserido o alcorão. Aqui vemos a propagação do Islamismo no continente africano. Como resultado o número de muçulmanos tem crescido consideravelmente nesse continente.

Aproveitando este espaço é relevante pontuar o forte preconceito existente para com as religiões muçulmanas, o que torna a situação para os africanos mais complexa, visto serem duplamente discriminados. Como se não bastasse o preconceito racial, africanos acumulam também o preconceito religioso.

### **Imagens de pessoas negras no Livro de História do 7º ano**

Imagem Ed Alcock



Na imagem temos três crianças negras, uma delas não aparece muito visível, mas é possível observar parte de sua cabeça. A imagem retratada tem como cenário a cidade de Bamaco, capital do Mali, país da África Ocidental. Pelo aspecto físico da paisagem deve tratar-se de uma área periférica da cidade. Uma vez que as crianças estão jogando futebol num espaço simples. É possível ainda perceber que não estão uniformizados e jogam de chinelos. Tudo indica que parece ser o futebol um tipo de brincadeira comum às crianças dessa cidade.

Se tratando dessa imagem, pensemos como seria se ela retratasse crianças brancas em qualquer país do mundo que não fosse africano? Possivelmente teríamos outro cenário, os sujeitos estariam vestindo uniformes ou uma roupa diferente, seus pés estariam calçados com uma chuteira ou tênis.

Queremos discutir que o livro didático ao representar a mesma imagem referente a crianças brancas teria uma maior preocupação quanto à forma de ilustrá-la. O que nos leva a problematizar o papel político dos autores/editores ao publicarem essa imagem. O que eles querem com isso? Reproduzir um estereótipo? Denunciar uma condição? Esses questionamentos são pertinentes o/a professor/a fazer, porque na sala de aula essas imagens têm diferentes fins. A depender da crítica ou não que se faça a ela, pode colaborar para enfrentar os estereótipos ou reproduzi-los.

É comum que o negro/a ao estampar a capa de uma revista, livro, filme ou folha de jornal tenha sua imagem estereotipada enquanto sujeito. Algo frequente é a imagem de negros e negras relacionadas ao futebol, dança e arte. Tal prática acaba reafirmando o pensamento de que a pessoa negra não tem capacidade para desempenhar outras funções. Como exemplo, atuar como professor/a, médico/a, advogado/a, juiz/a, engenheiro/a, enfim qualquer função.

Imagem Bernard Foubert



A imagem destaca uma historiadora tradicionalista do Mali. A foto é de 2008. A mulher aparece segurando um instrumento chamado (Kora). Os/as historiadores/as tradicionalistas do Mali trabalham com a história oral, relatando os hábitos e costumes da cultura do povo Mandinga. Trata-se de uma narrativa cantada em versos e prosas que reinventa um pouco da vida das pessoas africanas, sobretudo, as consideradas importantes e ocupam ou ocuparam lugar de destaque na história do povo africano. A imagem se refere à historiadora que através de músicas, poesias, contos, narra a história do povo mandinga. A perspectiva é a de se preserve uma cultura tão antiga, com cerca de aproximadamente 800 anos, a de ensinar e aprender história cantando.

Além de sua prática ser característica da cultura africana, essa historiadora negra apresenta outros aspectos de sua cultura, como roupa e adereços. Nessa imagem vemos uma africana visibilizada no livro didático que foge ao estereótipo de pobreza com que sempre representam africanos/as. Mas a diversidade cultural africana é a questão ressaltada. Outro aspecto a se ressaltar nessa imagem é o fato de a mulher africana negra, não está representada na condição de escravizada e ou trabalhadora braçal/doméstica. Na imagem 05 a mulher negra é destacada por sua história, e está notória sua presença e participação na história e cultura do seu povo, os mandingas.

### Imagem Museu Castro Maya

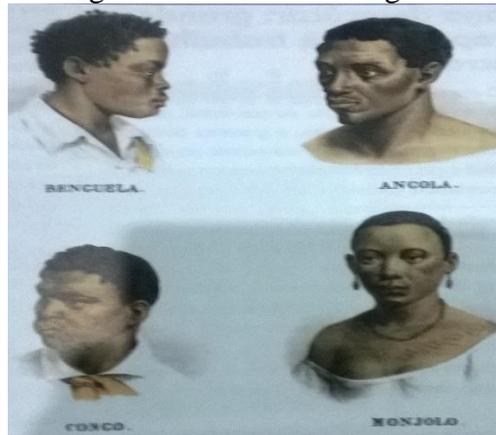


Na imagem visualizamos quatro indivíduos, obra do artista francês Debret. Os sujeitos estão caracterizados para realização de tarefas distintas. O primeiro sujeito da imagem não é negro, utiliza trajes nobres, nos dando a entender que se trata de um homem de confiança de seu senhor. Provavelmente trata-se de um feitor ou capataz.

As três pessoas negras estão usando roupas simples, sendo possível identificarmos que se trata de escravizados/as. Uma vez que as roupas dizem respeito ao trabalho escravo, seja na casa grande, lavoura ou venda de algum produto/artigo manufaturado.

Cada roupa está associada a uma tarefa específica que o/a escravizado/a executava. As roupas tem um misto da cultura europeia e africana e revela o olhar com que o pintor Debret enxergou as pessoas negras, uma vez que ele as pintou. Provavelmente se tratavam de pessoas negras que serviam na casa grande, e por, isso, se vestiam diferente dos negros/as que trabalhavam no eito da cana. Mesmo vestidos para servir aos/as senhores/as, nas salas e salões eles/as não prescindiam de um elemento africano nas vestimentas, a exemplo de um adereço na cabeça, decotes e tornozelos as vistas, o que não é comum nas vestimentas europeias da mesma época, a mostra de partes do corpo, sobretudo, o corpo feminino.

Imagem Johann Moritz Rugendas



A imagem apresenta quatro africanos de diferentes regiões da África. Trata-se de uma obra do pintor Johann Moritz onde ele retrata os traços das diferentes etnias africanas. Apesar de diferentes etnias essas pessoas quando desembarcadas na América eram tratadas como se pertencessem a uma única etnia. Em contrapartida, esses indivíduos falavam línguas diferentes, apresentavam culturas e religiosidades distintas, na maioria das vezes eram rivais um dos outros. A imagem é datada de 1835 e traz africanos de Benguela, Angola, Congo e Monjolo.

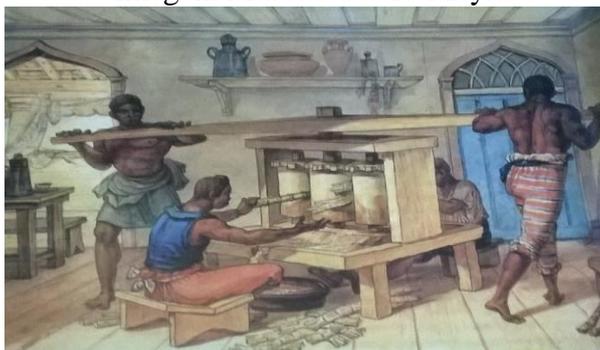
É possível notar traços nos rostos que os particularizam e indicam o pertencimento étnico. Uma evidencia de que a diversidade étnica e racial caracteriza a África, e desfaz a ideia que todo africano/a é igual, pertence a uma mesma etnia, negro/a. Entendemos, portanto que havia na África e ainda há a circularidade cultural entre os africanos.

Imagem O Brasil de Rugendas



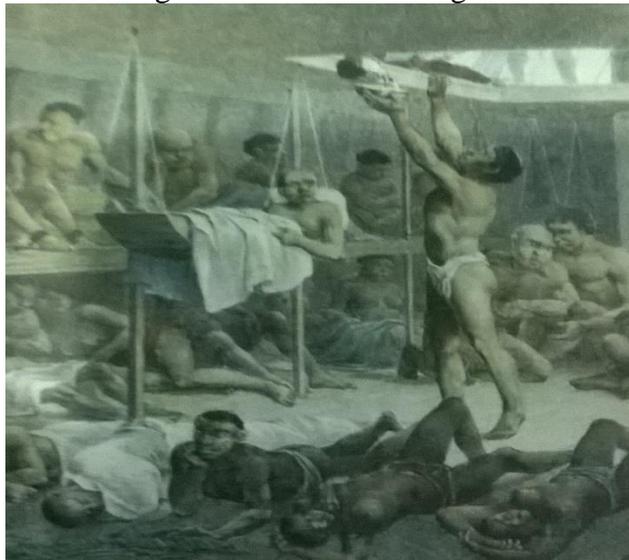
Aqui observamos o trabalho escravo no engenho de açúcar. Aparecem algumas pessoas negras realizando as atividades relacionadas à produção do açúcar, principal produto econômico no Brasil do século XVI. Observamos um homem e uma mulher branca supervisionando o trabalho. Nessa imagem as pessoas negras estão retratadas na condição de submissas, uma vez que são trabalhadoras, mas escravizadas, o que reforça o conceito de inferioridade dessas pessoas e também do trabalho braçal, concebido pela sociedade colonial indigna a pessoa branca. O fato dos escravizados serem apresentados junto aos animais os desvaloriza enquanto sujeitos da história, visto seu passado ser marcado por selvageria e barbárie. Esse tipo de imagem reforça o conceito de que a pessoa negra não possuía a mesma capacidade do branco, colonizador; visto ser representado na condição de escravizado, enquanto a pessoa branca é a que manda e ordena o fazer.

Imagem Museu Castro Maya



A imagem apresenta mais uma vez a realidade do engenho de açúcar. Trata-se de um quadro de Debret produzido no século XIX. Na obra temos 04 sujeitos negros. Os sujeitos estão desempenhando o trabalho braçal para moer a cana de açúcar. O trabalho aqui também é escravo. Nesse período o açúcar tinha muito valor no mercado, e era conhecido como “ouro branco”. Nessa imagem frisemos a força que o escravizado despenderia para executar a tarefa de moer a cana-de-açúcar e retirar-lhe o caldo, que produzira o açúcar que enriqueceu a colônia. Trata-se de um trabalho pesado, onde o escravizado utilizava todo vigor físico no moinho. Como se tratava de escravizados estes não recebiam boa alimentação, apenas o suficiente a manter-se em condições de produzir e suportar altas jornadas de trabalho.

Imagem Johann Moritz Rugendas



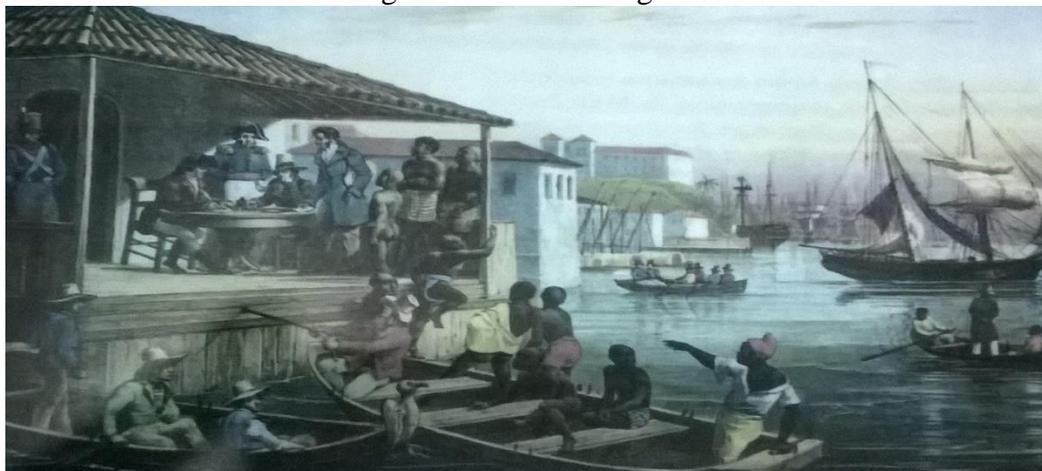
Na imagem temos a representação do que se passava no porão de um navio negreiro. É possível observar a condição miserável a que os africanos eram submetidos durante a travessia do atlântico. Essas pessoas eram colocadas como cargas no porão do navio. O espaço era muito pequeno, por outro lado à quantidade de pessoa era incompatível ao tamanho do espaço. A maioria deles era colocada nus, expostos a vários tipos de bactérias. Durante o percurso da viagem muitos morriam devido à falta de alimentação e as péssimas condições na qual se encontravam. Outros enlouqueciam ao lembrar-se de sua terra e da forma como foram capturados.

Tratava-se de práticas desumanas com as pessoas negras, visto associá-las aos animais. A exposição dessas imagens no livro didático exige que o/a professor/a problematize-a. Pois como já questionamos em outro momento desse trabalho, o que os autores/as/editores querem com esse tipo de imagem. Reforçar a ideia de inferioridade dos africano-negros? Denunciar a condição a que foram submetidos? Denunciar a violência? Acredito que a problematização dessas imagens, possibilitará o/a professor conduzir a discussão na sala de aula para outra perspectiva que não seja a de vitimização dos escravizados, mas a de pensa-los como sujeitos, uma vez que por trás das imagens degradantes, há um homem e uma mulher rebelde.

Portanto, é pensar a degradação humana implícita/explicita nas imagens como uma pedagogia usada pelos colonizadores, senhores/as da época e um meio de levar o escravizado a reconhecer-se como inferior e aceitar sua condição. Ainda que os

escravizados tenham se reconhecidos inferior, não podemos prescindir de que se rebelaram antes.

Imagem O Brasil de Rugendas



A imagem mostra uma terrível realidade, indivíduos são comercializados como produtos. Podemos dizer que se tratava do comércio de vidas humanas. A imagem nos possibilita algumas indagações. O que levou um indivíduo escravizar outro? O que fez um indivíduo se julgar superior a outro? O que dizer sobre a escravidão dos africanos? O que nos interessa não são as respostas, mas as perguntas que fazemos servem para dar visibilidade à participação de pessoas negras na história.

Através da releitura das imagens conseguiremos enxergar os fatos com outro olhar, escutar os gritos dos africanos e enxergar suas formas de resistência, entender que apesar de colocados em condições desumanas, essa gente negra, manifestaram emoções e sentimentos, nem sempre visíveis no livro didático, tão pouco escrito na história. Na imagem 11 a comercialização é a dos africanos que sobreviveram ao trajeto da África ao Brasil, porto de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, locais os africanos desembarcavam e eram vendidos no mercado como peças. Antes eram avaliadas como se fossem animais. Os senhores/as interessados/as em compra-los, analisavam o porte, a idade, os dentes, vários aspectos físicos para ver se estavam em bom estado de saúde. Na comercialização as famílias eram separadas, e muitas foram desde a captura na África, o que causava mais dor aos escravizados.

### Imagem Mercado de Escravos



A imagem também retrata o comércio de escravizados. Agora nos referimos à cidade do Rio de Janeiro, entre 1821 e 1824. Podemos ver além de adultos, crianças negras sendo comercializadas. Os negros ficavam sentados no chão ou em pé, enquanto os brancos avaliavam o que iriam levar. Vemos que a venda de africanos era comum para a sociedade da época. Os europeus queriam ser servidos, não importavam o preço que pagariam.

É comum que muitos pensem que o negro/a se conformou com a escravidão, pois é essa a visão que muitos livros didáticos trazem acerca dessa questão. Levemos em consideração que muitos africanos lutaram frente ao regime, todavia outros se submeteram a venda como forma de sobrevivência.

### Imagem Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil



Nessa imagem temos várias mulheres negras, obra do artista Debret, produzida entre 1834 e 1839. É possível perceber que são mulheres de diferentes etnias, portanto trata-se de costumes e crenças distintas. Essas africanas ao serem escravizadas se relacionavam umas com as outras.

Elas se ocupavam no serviço de casa, no comércio, na cozinha, na lavanderia, dentre outros. Um ponto em comum em relação às mulheres negras são os adereços usados por elas. Na maioria das vezes estes dizem respeito a identidade de cada uma delas, ou são denotativos de algum vínculo sentimental ou religioso, tudo dependia da etnia a que pertencesse.

A imagem ainda possibilita discutirmos a beleza da mulher negra. Assim como as mulheres brancas são destacadas por sua beleza. Seus traços faciais e corporais as identificam e as particularizam entre as mulheres de outras raças. Essa imagem serve para desconstruir o estereótipo de a mulher negra feia, burra, lasciva e detentora de tantos outros atributos negativos.

Imagem Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil



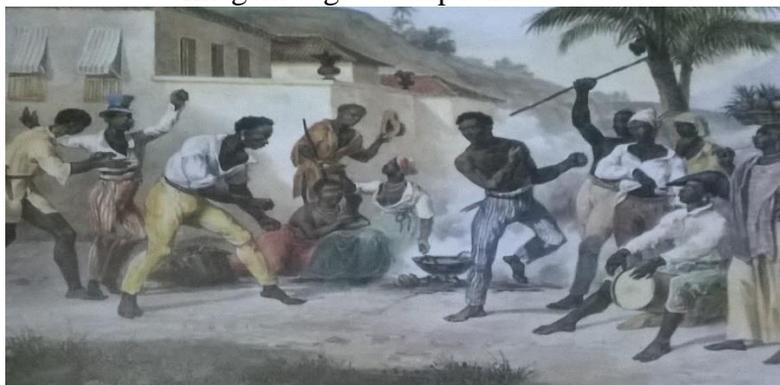
A imagem apresenta a vida dos escravizados na cidade. Podemos contar nessa imagem 07 indivíduos exercendo funções que estão relacionadas à garantia do bem estar das pessoas brancas, a exemplo de aguadeiro, carregador e vendedor. Algumas atividades dessas atividades, a exemplo de quitandeiro/a, exercida a serviço do/a senhor/a. Mesmo

exercendo tal função assim não eram livres, mas poderiam guardar alguns proventos e usar como pecúlio na compra da liberdade.

Em cinco dos escravizados vemos algumas peças de ferro, presa aos pés e pescoço, chamada de gargalheira. Mesmo na realização do trabalho de vendedor/a ou outra atividade urbana, o escravo anda tinha que suportar aos maus tratos, dor e humilhação. É provável que muitos viessem a falecer, devido a falta de cuidados com as feridas causadas pelo castigo.

A forma como as pessoas negras são retratadas nessa imagem acaba nutrindo na mente de crianças, adolescentes e jovens a ideia de que a escravidão foi uma condição natural dos africanos, e não uma imposição. A ideia recorrente na imagem é a de que os africanos nasceram para ser escravizados, visto que o livro didático o representa nessa condição, quer seja na África e no Brasil. O contrário disso são as representações relativas à condição de pobreza relacionada ao fato de as pessoas negras no Brasil serem descendentes de uma gente que no passado foram escravizadas. Assim, o livro didático reproduz a compreensão de a escravidão explica a condição de pobreza das pessoas negras no Brasil.

Imagem Jogo de Capoeira



Na imagem vemos alguns africanos reunidos. Trata-se de um jogo de capoeira, que envolve a dança e a arte de lutar. A capoeira faz parte da cultura afro-brasileira e africana e pode ser entendida como forma de resistência frente a escravidão. Os negros escravizados tiveram que abrir mão de grande parte de seus hábitos, mas nem tudo foi apagado, uma vez que reinventaram em outras expressões, a exemplo da capoeira.

Nessa imagem vemos um momento onde africanos/as reinventam suas identidades. Através da capoeira o/a escravizado/a se percebe e se reinventa enquanto africano/a, ligando as suas origens ao que encontrou na terra Brasil. Apesar da opressão existe o desejo de viver, ser gente; o que está expresso naquilo que foi construído no Brasil a partir dos elementos culturais trazidos do continente africano.

Poucos são às vezes nas quais as pessoas negras aparecem reunidas tratando de coisas que as identificam. Para os escravizados esses momentos aliviavam o sofrimento, a dor e a perda dos seus parentes. Podemos pensar que muitos tentavam enganar a si mesmo, fugir da própria realidade vivenciada na escravidão.

Imagem Zumbi dos Palmares



A imagem diz respeito a um dos líderes quilombolas mais importante da história, Zumbi. Aqui representado na pintura de Antônio Parreiras. Vimos que apesar da escravidão acometida ao negro, esse por sua vez, lutou de diversas formas contra esse tipo de servidão.

Os quilombos fizeram parte da resistência africana, muitos escravizados não aceitaram aquele tipo de imposição. Uns matavam seus filhos no ventre, outros cometiam suicídio, outros desobedeciam às ordens. Havia também aqueles que conseguiam fugir se refugiando no mato, e formando os quilombos.

O quilombo era tido como um refúgio para aqueles que não suportavam mais a fome, os maus tratos, a dor, o sofrimento, a humilhação e a desumanização. Em outras palavras aquele espaço era o “escape” para o africano que agora escravizado servia como mão-de-obra.

Zumbi ficou conhecido na história, através da bravura encorajou muitos escravizados a lutar por sua liberdade. Sua determinação e ousadia lhe custaram a própria vida, por outro lado contribuiu para que outros continuassem na luta, organizando novos quilombos e mantendo viva a esperança.

Imagem Coleção Particular



A imagem mostra uma senhora branca que parece estar acompanhada de sua filha. Ambas estão sentadas em cadeiras altas. Ao redor temos três adultos negros e duas crianças negras na condição de escravizados. Observe que dois dos escravizados estão no chão desempenhando seus trabalhos, as crianças brincam pelo chão como se fossem animais domesticados, enquanto outro escravizado se atem as tarefas da cozinha.

Através da imagem vemos que a pessoa negra era inferiorizada de diversas maneiras. O fato de o negro ser representado sentado no chão reafirma que este deve permanecer sempre abaixo do homem branco. Essa imagem vem produzir um discurso depreciado das pessoas negras.

Imagem O Jantar



Nessa outra imagem temos a obra de Debret, intitulada “O jantar” temos pessoas negras retratadas na condição de escravizadas. Os senhores usufruem de uma boa alimentação, enquanto os escravizados ficam em pé ao redor da mesa esperando receber alguma ordem. Os filhos dos escravizados ficam nus pelo chão, esperando alguma migalha de alimento. Para os senhores esta era uma cena comum e corriqueira, onde o dever do escravizado era servir bem ao seu senhor, sem questioná-lo.

Essa imagem passa a ideia de que o negro/a era obrigado a servir o branco, como se este fosse alguém mais importante que o indivíduo escravizado/a, outrora homem livre em sua terra.

Imagem Museu Imperial



Na imagem vemos alguns negros na casa de seus senhores. A escravizada que aparece em pé está trabalhando junto com seu filho amarrado nas costas, espécie de

bisaco. Outra escravizada parece estar ocupada com alguns tecidos, ao mesmo tempo em que cuida de uma criança branca. Há ainda nessa cena outro escravizado, sentado ao chão ele se ocupa de massagear os pés de seu senhor. Observe que os três negros da imagem são colocados num contexto de conformidade, na medida em que a condição de escravo lhe foi atribuída.

Se seguirmos o discurso dessa imagem fica difícil trabalhar a história das pessoas negras, de modo a valorizá-las, e superar a ideia de inferiorização aqui notória. Mas é preciso problematizá-las em sala de aula, de modo que outras interpretações possam ser elaboradas e assim outras histórias escritas e não se repita na sala de aula as injustiças contra as pessoas negras na contemporaneidade. Ainda que as imagens não tenham mudado nos livros didáticos é preciso que professores/as garantam as crianças, adolescentes e jovens negros, assim como a sociedade brasileira em geral o direito de aprender sobre a história de pessoas negras no Brasil.

### **Imagens de pessoas negras no Livro de História do 8º ano**

Imagem Biblioteca do Congresso



Na imagem temos uma família negra americana. A fotografia é datada de 1860. Nessa época os Estados Unidos viviam uma guerra civil entre as ex-colônias do norte que desejavam o fim do trabalho escravo e as ex-colônias do sul que defendiam o trabalho escravo. O fim dessa guerra deu-se em 1862 quando o presidente Abraham Lincoln aboliu a escravidão no país. Cinco dias depois o presidente foi assassinado. A família possui oito membros. Observamos que habitam em casa simples e levam uma vida de dificuldades.

O fato de a família negra ser apresentada em condições difíceis passa para o/a aluno/a leitor/a ideia de que mesmo com a abolição da escravidão, os negros americanos não superaram a condição de miséria a que viviam submetidos, uma evidência de que o fim da escravidão não representou a inserção dessas pessoas na sociedade. Pelo contrário, livres, as pessoas negras americanas foram segregadas, alocadas em espaços específicos e passaram a conviver diretamente com o preconceito racial, e desencadearam reações também diretas.

No Brasil a abolição ocorreu em 1888, e assim como a sociedade americana, a sociedade brasileira também não incorporou às pessoas negras a sociedade. A diferença entre Brasil e EUA é o fato de que ao longo da história em função das lutas desencadeadas pelas pessoas negras americanas, a sociedade e o Estado criaram mecanismos de inserção destas na sociedade, embora o preconceito permanecesse e ainda permanece. No Brasil após 300 anos de escravidão, as pessoas negras continuaram a resistir, mas a sociedade, assim como o Estado não construíram mecanismos capazes de inseri-las, o que faz com que permaneçam excluídas e essa condição naturalizada, conforme evidenciados no livro didático. No Brasil os sujeitos negros saíram da condição de escravizados/as para se tornar homens e mulheres livres, mas inferiorizados, visto que muitos continuaram a servir seus/suas senhores/as, em troca de alimento, roupa e moradia. Transcorridos 128 anos da abolição, o Estado brasileiro passou a elaborar políticas de inserção das pessoas negras na sociedade, o que começou em 2003 com as políticas de ações afirmativas para negros.

Imagem Bettmann/Corbis



Aqui na imagem vemos um negro em destaque. Seu nome é Toussaint Bréda, que mais tarde teve o nome alterado para Toussaint L’ouverture. Um homem que ficou conhecido na história por lutar contra o fim da escravidão nas colônias francesas. Na Ilha de San Domingo, Caribe teve início a rebelião dos escravizados em 1791, três anos mais tarde entrou em cena Toussaint, em 1794. L’ouverture liderou um exército que derrotou os franceses, e por isso, chegou a se tornar governador geral de San Domingo. Após sua morte a nação se tornou independente. Isso nos leva a refletir sobre o processo de luta dos escravizados em S Domingo, esse não foi em vão. Apesar dos conflitos e das perdas o objetivo foi alcançado e outros nomes passaram a se destacar. Essa imagem valoriza a pessoa negra enquanto sujeito, na medida em que o apresenta como líder, destacando sua capacidade de elaborar e encorajar, porém limita a condição de heróis e reforça a ideia de que a pessoa negra precisa ser herói/heroína para ter visibilidade no livro didático. Não negamos que seu papel foi importante na luta contra os franceses no Caribe, e que se trata de uma personagem importante para a história das pessoas negras em qualquer parte do mundo, mas não podemos limitar a história aos grandes fatos e eventos, e heroificar um em detrimento a exclusão da maioria.

Imagem Karel Prinsloo/Ap



Na imagem temos algumas pessoas negras em um movimento em Nairóbi, capital do Quênia. Trata-se do sétimo fórum social mundial. Estiveram presentes estudantes, tradicionais líderes sindicais, acadêmicos renomados, militantes de organizações não governamentais (ONG's) e chefes de Estado. Esses indivíduos lutam contra a exploração

dos operários e demais segmentos sociais. Na imagem é recorrente as pessoas negras na luta por igualdade. ‘Esse tipo de imagem, onde o negro é apresentado reivindicando seus direitos não é comum nos livros didáticos. Hoje após treze anos da promulgação da lei 10.639/2003 temos observado representações de pessoas negras em diversas situações, o que a primeira vista passa a impressão de que os livros mudaram, estão dando-lhes a devida importância. Por conseguinte as imagens nem sempre superam os estereótipos consagrados nos conteúdos estudados nas salas de aulas. Podemos dizer que houve avanços, entretanto somos conscientes de que a escravidão que marcou os africanos e as pessoas negras no Brasil deixou sérios problemas na sociedade, os quais não serão resolvidos apenas com a mudança de perspectiva das imagens dessas pessoas nos livros didáticos. Essa medida é importante, mas por si só não resolve o problema, a solução virá com transformação na infraestrutura da sociedade, de modo que garanta as pessoas negras condições de vida digna, respeito e valorização de suas práticas culturais.

Imagem Fundação Biblioteca Nacional



Na imagem temos uma fotografia de Luís Gama, abolicionista negro, intelectual e defensor do fim da escravidão. Filho de escravizada foi vendido pelo próprio pai, e se tornou um advogado de renome e respeitado no império, tendo em vista sua luta em defesa

do fim da escravidão. Destacou-se como um dos mais importantes abolicionistas do Brasil. Podemos dizer que mesmo sendo descendente de escravizado conseguiu superar seu passado. Esse tipo de imagem nos livros didáticos permite ao/a professor/a trabalhar com a escravidão, por exemplo, a partir de outra abordagem, discutindo com os/as alunos/as que mesmo as pessoas negras tendo sido escravizadas, elas lutaram contra a escravidão e algumas, a exemplo de Luís Gama, estudaram e se destacaram profissionalmente, mesmo assim não se livraram do preconceito racial.

### **Imagens de pessoas negras no Livro de História do 9º ano**

Imagem Pixinguinha



A imagem diz respeito a uma foto do compositor, músico e instrumentista Alfredo da Rocha Viana Júnior, mas conhecido como Pixinguinha. A música brasileira, no que diz respeito aos gêneros e composições musicais devem muito as pessoas negras. Essas pessoas quando traficadas da África para o Brasil trouxeram nas suas memórias elementos que foram importantes na formação da cultura musical brasileira, a exemplo do gingado, e os ritmos, o que contribuiu para a formação dos diversos estilos musicais existentes no Brasil. O “Samba” é exemplo disso, pois é fruto da presença de elementos africanos na música. O músico aqui apontado destacou-se com o “choro” que aos poucos começou a despertar a atenção das classes dominantes, saiu da condição de música de periferia tocada nos botecos para ser música de salão e sala de concerto.

Esse tipo de imagem acerca do indivíduo negro/a não é comum no livro didático, tendo em vista que foge aos estereótipos que caracterizam a inferioridade desse sujeito. Nessa foto a pessoa negra se encontra num discurso distante da subordinação e escravidão.

Imagem Bettmann/Corbis



Na imagem temos uma foto que destaca africanos de Leopoldville, capital da República Democrática do Congo comemorando sua independência, conquistada em junho de 1960. Como sabemos os países do continente africano foram conseguindo sua autonomia por meio de um processo político lento e caracterizado pelas lutas armadas e repressão por parte dos ditadores. Como exemplo podemos citar a Argélia, que vitimou cerca de 1 milhão de pessoas na guerra de luta pela independência.

Podemos observar que mostrar a pessoa negra celebrando ou comemorando algum tipo de conquista não é uma preocupação do livro didático. A imagem permite que o/a aluno/a leitor/a compreenda que as pessoas negras, mesmo tendo sido submetidas à escravidão conquistaram e vem conquistando seu espaço no mundo, mostrando assim suas identidades que os particularizam, mais também os incluem e reconhecem como sujeitos da história.

Imagem Nelson Mandela



Na imagem temos Nelson Mandela, líder político, que ficou conhecido por lutar com eficácia contra o “Apartheid”, regime de segregação racial instituído na África do Sul. Mandela foi preso por buscar igualdade entre negros e brancos. Em 1964 o jornalista foi condenado à prisão perpétua. Apenas em 1990 o “Apartheid” foi abolido definitivamente, devido a uma reforma de programas que o governo sul africano iniciara em 1979. O líder Mandela foi solto e em 1994, tornando-se presidente da República da África do Sul.

Hoje em muitos livros didáticos é comum vermos frases e imagens que lhe dizem respeito. Nessa imagem o indivíduo negro é destacado positivamente, uma vez que a narrativa que acompanha a imagem rompe com a visão eurocêntrica da história.

A imagem possibilita aos alunos/as leitores/as aprender que as pessoas negras têm total capacidade de ocupar um cargo político, assim como o homem/mulher branco/a. Isso implica dizer que a ideologia de inferioridade dedicada as pessoas negras pode ser superada.

Imagem Rio, 40 Graus



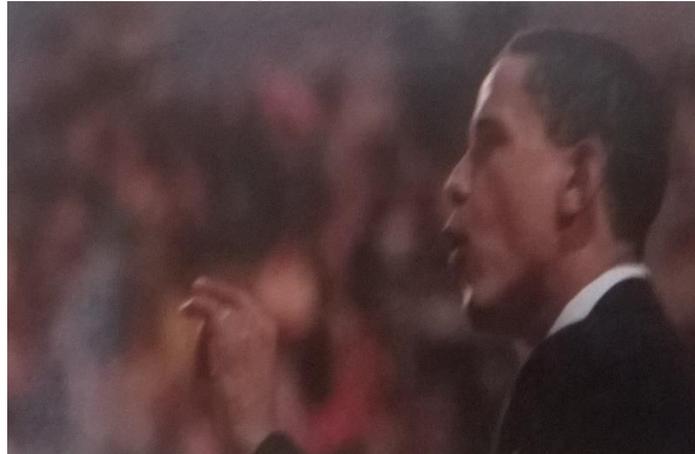
A imagem retrata uma cena do filme “Rio, 40 graus”, de Nelson Pereira dos Santos, filme lançado em 1955. O filme faz parte de uma revolução que ocorreu na cinematografia brasileira, conhecida como “Cinema novo”.

Esse novo modelo de cinema buscava apresentar a realidade brasileira através dos problemas sociais, pois viravam temas. A imagem mostra dois pré-adolescentes negros numa favela, que ganhavam a vida vendendo amendoim nos pontos turísticos do Rio de Janeiro. Debaixo de um sol escaldante, como sugere o título, os indivíduos não aparentam estar desanimados ou tristes em meio às condições de vida em que vivem

Nesse período muitas pessoas se chocaram com a realidade da cena, pois não era esse tipo de filme que os cariocas estavam acostumados a assistir. O cinema retratava a beleza da elite carioca, os casarões, os prédios e os comércios. Enquanto o cinema novo chegou para mostrar ao Brasil a sua cara.

É comum que ao ver a realidade da classe subalterna a sociedade, sobretudo, as elites aceitassem. Não seria interessante destacar a beleza e a miséria que faziam parte da cidade maravilhosa. Observamos que as pessoas negras aqui continuam sendo expostos na condição de inferiores, mas essa condição está associada ao passado que marcara as suas vidas. Esse cinema, apesar de ter possibilitado visibilidade a pessoa negra, mostrando que essa fazia parte da mesma cidade maravilhosa que as pessoas brancas, coloca a sua condição como decorrente do fato de no passado essa gente negra ter sido escravizada. A ideia recorrente é a de que o passado explica o presente. Desta feita, as pessoas negras são pobres, porque tem ascendência escrava, e não porque a sociedade e o Estado não criaram condições de inseri-las como cidadãos.

Imagem Barack Obama



A imagem é uma foto de 2008, e remete aos EUA. Período de uma das eleições presidenciais norte – americanas mais particulares da história desse país.

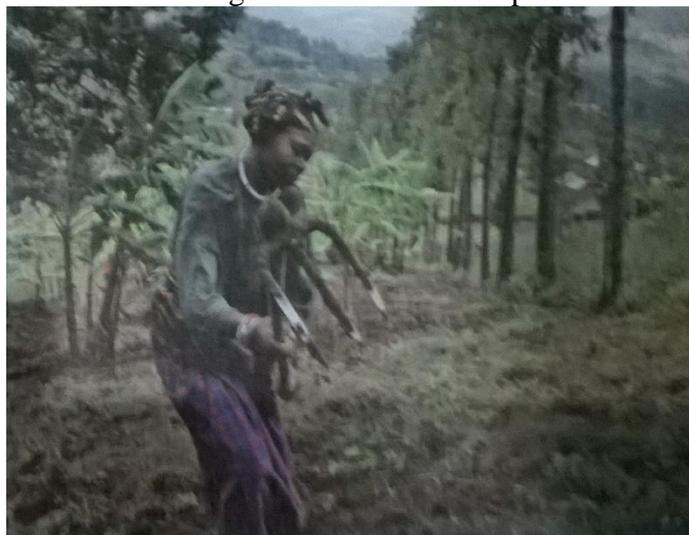
Na foto o destaque é Barack Obama, candidato a presidência dos EUA pelo Partido Democrata, que vencera as eleições em 2008. A vitória de Obama foi um marco histórico, pois pela primeira vez os Estados Unidos da América teria um presidente negro.

Através da imagem podemos dizer que a pessoa negra foi conquistando espaços na sociedade, de modo que o conceito de inferioridade que o europeu lhe atribuiu no passado ficara para trás. Nem sempre é assim.

Mesmo tendo sido eleito presidente dos EUA, Obama não se livrara do preconceito racial, uma vez que não ganhara a eleição com um discurso em defesa das pessoas negras americanas, mas com o intuito de manter o lugar dos EUA como grande potência econômica do mundo.

Certamente se sua campanha tivesse sido centralizada na defesa dos direitos das pessoas negras, sobretudo, de combate ao preconceito racial, não teria sido eleito. Uma evidência de que superar as marcas da escravidão não é algo fácil e do preconceito racial é ainda mais difícil.

Imagem Karel Prinsloo/Ap



Na foto vemos uma mulher africana no trabalho agrícola. A cena se passa na Tanzânia, África Oriental, certamente em uma fazenda. A foto data de 2007, o mês de outubro. Nela percebemos que se trata de um cenário sofrido, onde o nível de miséria tem aumentado, principalmente em países mais pobres.

A mulher aparece cuidando do cultivo da terra, tarefa destinada as mulheres desde a antiguidade. A mulher negra aqui é apresentada por sua força de trabalho na agricultura, atividade pesada, mas que é posto como sendo uma prática inerente à mulher, o que contribui para inferiorizá-la, uma vez que a coloca como incapaz de exercer profissões com prestígio social, a exemplo de professora, médica, advogada entre outras. Essas geralmente são associadas às mulheres brancas.

### Imagem Movimento Negro



Na imagem temos alguns representantes do movimento negro, sobretudo, das religiões de matriz africana em manifestação realizada nas avenidas de São Paulo. O manifesto tem como objetivo reivindicar retratação da Rede Record e Rede Mulher, devido a essas emissoras em seus programas religiosos terem pronunciado ofensa as religiões de matriz africana. De acordo com os manifestantes os programas exibidos por essas emissoras foram preconceituosos com as religiões de origem africana.

A Religião por si só é um tema complexo, por isso professores/as em sala de aula devem procurar trabalhar na perspectiva do respeito e valorização, uma vez que cada religião é importante para quem segue. Por sua vez não esquecer que o Brasil nasceu diverso, portanto, quando o assunto for religião, devemos ser respeitosos, e não tolerantes, uma vez que convivemos uns com os outros em coletividade, o que exige dialogo e respeito pelas particularidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens disponíveis nos quatro exemplares da coleção “História e vida integrada, dos autores Nelson Piletti, Claudino Piletti e Thiago Tremonte, destinada ao ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano) e publicado pela Editora Ática no ano de 2008, nos possibilitaram afirmar que após a operacionalização da Lei 10.639/2003 os livros didáticos vêm trazendo discussões acerca das pessoas negras nos diferentes aspectos.

Em nossa pesquisa percebemos que na sua grande maioria, as imagens referentes às pessoas negras não rompem com os estereótipos. Ainda é comum a representação do negro/a na condição de escravizado/a, inferiorizado/a, marginalizado/a e submisso/a.

Nas imagens vimos à desumanização da pessoa negra em várias situações, o que naturaliza os lugares dessas pessoas. São comuns as imagens recorrentes aos maus tratos, péssima alimentação, castigos, trabalho forçado, de modo que a visão que temos é a de sofrimento. Do contrário quando as pessoas negras aparecem no livro didático é apresentada de maneira deturpada, depreciada e na condição de inferioridade.

Nas trinta imagens poucas destacam as pessoas negras de modo positivo. Podemos considerar que os livros didáticos estão avançando, mas desejamos melhorem, para que os indivíduos negros sejam representados com igualdade e respeito. As imagens precisam retratá-las em outras condições, como advogadas, assim como Luís Gama, historiador, juiz, instrumentalista, político, nas suas ações na luta contra o preconceito religioso, racial e em defesa da cidadania. Compreendemos que as imagens positivas acerca das pessoas negras nos livros didáticos contribuem diretamente com a educação antirracista, e prepara os/as alunos/as a enfrentar o preconceito racial.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Candida Soares da. Imagens do negro em livros didáticos adotados para o I triênio do século XXI, segundo indicação do MEC. UFMT, 2004.
- FERREIRA, Cléa Maria da Silva. Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: nova tendência, novos desafios para uma prática reflexiva. Revista Eletrônica, 2009.
- FREITAS, Madalena Dias Silva. População Negra Brasileira: Reflexo e Imagem no Livro Didático. In. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.
- LEITE, Maria Jorge dos Santos. Imagens e representações dos negros nos livros didáticos e no cinema brasileiros. Revista Ameríndia – v.8, n. 1, 2010.
- PILETTI, Nelson. História e vida integrada. São Paulo: Ática, 2009.
- RIBEIRO, Renilson Rosa. O Negro em Folhas Brancas. Cadernos da Graduação. IFCH/UNICAMP –Nº 2. Campinas, 2002.
- SA, Wellington Santana Moraes de. A Presença do Negro no Livro Didático de História do Ensino Fundamental: Uma Primeira Análise. São Gonçalo, 2010.
- SILVA, José Alexandre da. Imagens da Escravidão Negra em Livros Didáticos de História. In. Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História - ANPUH/PR ‘Patrimônio Histórico no Século XXI’. Jacarezinho, 2008.
- SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- SILVA, Ana Célia da. A Discriminação do Negro no Livro Didático. Salvador: CEAO, CED, 1995.
- SILVA, Ana Célia da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador: EDUFBA, 2001.
- TEIXEIRA, Rozana. A Representação Social do Negro no Livro Didático de História e Língua Portuguesa. In. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC/PR, 2009.